



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Relatório de Estágio

Análise comparativa de três gramáticas escolares

Vera Lúcia de Andrade Lopes

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
**Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino
Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário**
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Carla Sofia Gomes Xavier Luís

Covilhã, junho de 2012

Aos meus pais, irmãos e ao meu namorado,
por todo o apoio que me facultaram e pelas
palavras, sempre hábeis, de que, nos momentos
mais solenes, necessitei.

Agradecimentos

“Conto com a colheita de algum bem que semeiei”

Júlio Dinis

A história deixada por escrever no caminho percorrido durante a execução deste labor académico não pode, nem deve, fazer-se de forma solitária e, por isso mesmo, é chegada a altura de agradecer àqueles que comigo caminharam.

Em primeiro lugar, agradeço às duas pessoas que tornaram possível este momento de realização académica e pessoal: os meus pais. A eles dedico este trabalho e agradeço todo o apoio, carinho e palavras de ânimo, sempre oportunas. Aos meus irmãos agradeço a paciência e os momentos de descontração que se revelaram deveras preciosos. Às minhas avós agradeço as palavras de sabedoria e à restante família e amigos o incentivo constante.

Ao meu namorado, Luís Leite, agradeço a confiança demonstrada desde o primeiro momento e as manifestações de força e coragem que se revelaram uma mais-valia.

Aos meus colegas de estágio, Celina Beirão e Bruno Cerqueira, acima de tudo, grandes amigos, as palavras de apoio bem como a troca de experiências que contribui para superar alguns obstáculos que cruzaram o nosso caminho.

Dirijo ainda uma palavra de gratidão às minhas orientadoras de estágio da *Escola Básica Grão Vasco*, Dra. Ana Piedade Guerreiro M. Elias Pinheiro, Dra. Maria Nazaré Conceição C. Andrade, quer, a título profissional, pelos conhecimentos e experiência que connosco foram partilhando quer, num plano mais pessoal, pela amizade, apoio e confiança demonstrados ao longo de todo o ano letivo.

Finalmente, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha orientadora de dissertação, Professora Doutora Carla Sofia Luís, os valiosos e incansáveis ensinamentos que connosco partilhou, bem como a total dedicação manifestada no acompanhamento assíduo dos trabalhos. Agradeço também, à Professora Doutora Ana Belén Cao Miguez o auxílio concedido em momentos cruciais desta caminhada e aos demais professores desta academia que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha formação.

Resumo

O presente trabalho pretende, além de refletir toda a experiência vivida na *Escola Básica Grão Vasco* de Viseu, salientar a utilidade das gramáticas em contexto sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, em prol do ensino comprometido da boa proficiência linguística. Em concreto, realizámos uma pequena viagem, de resto adaptada à especificidade deste labor científico, por três gramáticas escolares de diferentes editoras, constatando algumas diferenças entre elas e elegendo aquela que melhor se adequa a alunos do 3.º ciclo. Na realidade, uma aula completa, além da exploração textual, deve incluir, igualmente, a análise de um item gramatical, passando pelos três momentos de aprendizagem: teoria, prática e produção. Com efeito, seguindo este modelo, apresentamos uma proposta de aula, sendo que o item gramatical tratado surge subtilmente na sequência da análise textual. Toda esta reflexão de natureza teórico-prática surge integrada num Relatório de Estágio que conta com a caracterização da escola e das turmas, as aulas assistidas, respetivas planificações e materiais, atividades extracurriculares e uma apreciação final sobre todo este percurso incluída na conclusão.

Palavras Chave: Estágio Pedagógico, Gramática normativa, Ensino, Reflexão.

Resumen

El presente trabajo de la presente disertación pretende referir, además de referir toda la experiencia vivida en la *Escola Básica Grão Vasco* de Viseu, referir la utilidad de las gramáticas en contexto de clase en la asignatura de Lengua Portuguesa, pensando en la enseñanza de la lingüística. En concreto, realizamos un pequeño viaje, restando la adaptación que está adaptada a la especificidad de este labor científico, por tres gramáticas escolares de diferentes editoras, contrastando algunas diferencias entre ellas y eligiendo la mejor y más adecuada a los alumnos del 7º, 8º y 9º de escolaridad. En realidad, una clase, además de la exploración textual, debe incluir, igualmente, el análisis de un ítem gramatical, teniendo en cuenta los momentos de aprendizaje: teoría, práctica y producción. Con efecto, siguiendo este modelo, presentamos una propuesta de clase, teniendo el ítem gramatical desarrollado sutilmente en la secuencia del análisis textual. Toda esta reflexión de naturaleza “teórico-práctica” surge integrada en un “Relatório” de Prácticas la utilidad de las gramáticas de Lengua portuguesa en contexto de clase. En la reflexión que hicimos sobre la práctica pedagógica que realizamos en la *Escola Básica Grão Vasco* de Viseu y que incluye la caracterización de la escuela e de los grupos, las clases observadas, respectivas planificaciones y materiales, actividades extracurriculares y una reflexión final sobre todo este trayecto.

Palavras Chave: Prácticas Pedagógicas, Gramática normativa, Enseñanza, Reflexión

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Resumen	vi
Índice.....	vii
Lista de figuras	viii
Lista de quadros	x
Índice de Siglas e Acrónimos.....	x
Introdução	11
Capítulo I.....	13
Análise Comparativa de três gramáticas Escolares	13
1. Considerações prévias: a gramática normativa.....	13
2. Seleção da amostra para análise	15
3. Análise do <i>corpus</i> selecionado.....	17
3.1. O índice de matérias e a introdução	17
1.2 A aparência gráfica das gramáticas em estudo	33
1.3 Estudo comparativo de um item gramatical.....	34
3.3.1. A Frase complexa: coordenação e subordinação.....	34
2. O ensino da gramática em contexto sala de aula: proposta de uma aula de Língua Portuguesa	39
Capítulo II.....	46
O estágio pedagógico.....	46
1. A Escola Básica Grão Vasco	46
2. A Caraterização das turmas.....	47
3. Reflexões em torno de algumas aulas assistidas: planificações e respetivos materiais.....	50
4. As atividades extracurriculares	6
Conclusão	9
Bibliografia.....	11
Anexos.....	Erro! Marcador não definido.

Lista de figuras

Figura 1: BORREGANA, António Afonso, Gramática Universal da Língua Portuguesa, 7.º ed., Lisboa, Texto Editora, 2005.	16
Figura 2: PINTO, José Manuel; NASCIMENTO, Zacarias & LOPES, Maria do Céu, Gramática do Português Moderno, 3ª ed., Lisboa, Plátano Editora, 2006.....	16
Figura 3: AZEREDO, M. Olga; PINTO, M. Isabel & LOPES, M. Carmo. Da comunicação à Expressão. Gramática Prática do Português, Lisboa, Lisboa Editora, 2009.	16
Figura 4: Índice da Gramática da Texto Editora.....	18
Figura 5: Índice da Gramática da Texto Editora.....	19
Figura 6: Índice da Gramática da Texto Editora.....	20
Figura 7: Índice da Gramática da Plátano Editora	21
Figura 8: Índice da Gramática da Plátano Editora	22
Figura 9: Índice da Gramática da Plátano Editora	22
Figura 10: Índice da Gramática da Plátano Editora	23
Figura 11: Índice da Gramática da Plátano Editora	24
Figura 12: Índice da Gramática da Plátano Editora	25
Figura 13: Índice da Gramática da Plátano Editora	26
Figura 14: Índice da Gramática da Plátano Editora	27
Figura 15: Índice da Gramática da Lisboa Editora.....	28
Figura 16: Índice da Gramática da Lisboa Editora.....	28
Figura 17: Índice da Gramática da Lisboa Editora.....	29
Figura 18: Índice da Gramática da Lisboa Editora.....	29
Figura 19: Índice da Gramática da Lisboa Editora.....	30
Figura 20: Texto “Regresso às aulas” de Alice Vieira	57
Figura 21: Texto “Regresso às aulas” de Alice Vieira	58
Figura 22: PowerPoint realizado no da aula assistida número um contrapondo imagens da escola antiga e da escola moderna.	59
Figura 23: Perguntas dirigidas aos discentes após a leitura do texto “Regresso às aulas”	59
Figura 24: CEL; nome contável e não-contável	60
Figura 25: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	63
Figura 26: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	64
Figura 27: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	65
Figura 28: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	66
Figura 29: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	67
Figura 30: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.	68
Figura 31: Perguntas dirigidas aos alunos do excerto que leram da obra	70
Figura 32: Exercícios com a função sintática da frase.....	75
Figura 33: Casa a preto e branco	79
Figura 34: Canção para preencher espaços.....	80
Figura 35: Exercícios do manual Mañana 1. Libro del alumno. 2006.....	81
Figura 36: ficha retirada do manual Mañana 1. Cuaderno del Ejercicios. 2006.	82
Figura 37: PowerPoint com uma vitrine onde constam peças de roupa e os seus respetivos nomes em espanhol.....	87

Figura 38: ficha de trabalho com vocabulário da roupa.....	88
Figura 39: ficha para consolidação do vocabulário da roupa	89
Figura 40: Canção para preencher espaços.....	0
Figura 41: texto retirado do manual Club Prima, Español, 2012,	1
Figura 42: ficha para consolidação do vocabulário das profissões, “los oficios”	3
Figura 43: Ficha com exercícios de verbos no futuro	4

Lista de quadros

Tabela 1: Análise da introdução das gramáticas	32
Tabela 2: Aspeto gráfico das gramáticas.....	33
Tabela 3: Análise do corpus de gramáticas - sintaxe.....	36
Tabela 4: Planificação da primeira aula comentada.....	55
Tabela 5: Planificação da segunda aula comentada	61
Tabela 6: Planificação da terceira aula comentada	71
Tabela 7: Planificação da primeira aula de espanhol comentada.....	77
Tabela 8: Planificação da segunda aula de espanhol comentada.....	84
Tabela 9: Planificação da terceira aula de espanhol comentada.....	92

Índice de Siglas e Acrónimos

DT	Dicionário Terminológico
CEL	Conhecimento Explícito da Língua
ES	Ensino Secundário
GADV	Grupo adverbial
GM	Grupo nominal
GV	Grupo verbal
PCT	Projeto Curricular de Turma
TLEBS	Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário

Introdução

Com o presente Relatório de Estágio, e dadas as características e as exigências que um trabalho desta natureza requer, pretende-se, por um lado, apresentar as principais reflexões acerca de um conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do estágio profissional, realizado na Escola Grão Vasco de Viseu, por outro lado, perante a necessidade de explorarmos um item teórico, naturalmente ajustado à componente prática, optámos por realizar uma análise comparativa de três gramáticas, importantes instrumentos auxiliares do trabalho docente, apresentado forças, fragilidades, relacionando-as com as designadas TLEBS e DT e tentando perceber como é que os conteúdos são explorados em cada uma delas e, por conseguinte, qual, pelas características que enverga, se adapta melhor a alunos de 3.º ciclo. Para além disso, e como, de resto, é compreensível não poderíamos deixar de, com base nas informações de que dispomos e das turmas com as quais trabalhamos até ao presente momento, aventar uma proposta de aula onde se inclui a exploração de um item gramatical.

Esclareça-se ainda que, dada a pertinência destas matérias, e tendo em conta a falta de motivação quase crónica dos discentes ante a aprendizagem de conteúdos gramaticais, urge pensar seriamente nestas questões e encontrar estratégias de remediação, se não globais, pelo menos adaptadas às turmas com as quais trabalhamos. Caso contrário, corremos o risco de formarmos jovens amputados de um dos mais preciosos bens que, aliás, nos distingue dos animais irracionais, a faculdade da linguagem humana verbal.

Ademais, importa ainda esclarecer que a motivação, no que diz respeito à escolha das gramáticas a explorar, prendeu-se com fatores que vão desde uma certa representatividade, digamos assim, que auferem no âmbito das produções desta natureza que circulam contemporaneamente, até ao gosto pessoal que nutrimos por estes instrumentos de trabalho, em especial, como teremos oportunidade de verificar, por um deles. Não obstante, devemos referir que muitos outros manuais gramaticais poderiam ter sido incluídos, mas, dadas as tradicionais molduras temporais e espaciais que um trabalho desta natureza requer, fomos obrigadas a fazer opções e, no nosso entendimento, estamos perante três excelentes exemplares que, oportunamente veremos, são suficientes para sustentarmos certas posições.

Posto isto, importa apresentar a estrutura organizativa do presente trabalho. Concretamente no primeiro capítulo, procedeu-se à análise comparativa, material e de conteúdo, digamos assim, de três gramáticas escolares, tendo em conta o conhecimento dos documentos oficiais que atualmente norteiam o ensino da Língua Portuguesa. Ainda neste capítulo, apresentámos uma proposta de aula que efetivamente foi lecionada, onde integramos a exploração de um item gramatical, sempre de olhos postos na desejável estrutura de base composta por três momentos imprescindíveis: teoria e exemplificação, prática e produção. Já o segundo capítulo, dedicado à reflexão sobre a experiência do estágio pedagógico vivida na Escola Grão Vasco de Viseu, durante este ano letivo, comporta aspetos

como a caracterização da escola e das turmas, as planificações e respetivos materiais das aulas observadas e as atividades extracurriculares desenvolvidas.

Quanto à metodologia seguida, acaba por ser aquela que geralmente se usa em trabalhos desta natureza. Por conseguinte, servimo-nos sobretudo dos métodos comparativo, indutivo-dedutivo, analítico, bem como da observação direta.

Enfim, com este Relatório de Estágio, aspirou-se, por um lado, refletir sobre as variadas experiências vividas na mencionada escola secundária, por outro lado, explorar um conteúdo relevante no seio da comunidade escolar, do ponto de vista teórico-prático, digamos assim, posto que, estudando a forma como certos conteúdos gramaticais são abordados nas três gramáticas selecionadas, procurámos perceber qual delas se aplicaria melhor à turma com a qual colaborámos durante um ano letivo repleto de novidades e de desafios transponíveis.

Capítulo I

Análise Comparativa de três gramáticas Escolares

1. Considerações prévias: a gramática normativa

Antes de entrarmos na apresentação dos detalhes concernentes às citadas obras, parece-nos que faz todo o sentido apresentarmos certos esclarecimentos prévios. Assim, ainda antes de mergulharmos na exploração que nos propomos levar a cabo há que distinguir dois grupos de gramáticas: a descritiva e a normativa, sendo esta última, pelo teor de matéria em apreço aquela que mais interessa ao presente estudo. Em *Fundamentos de Gramática do Português*, José Carlos de Azeredo, diga-se, em abono da verdade, numa extraordinária capacidade de síntese, aventa quatro interessantes conceitos, dois para cada um dos grupos atrás referidos. Assim, e como o presente trabalho se dedica à gramática normativa, reproduzimos dois conceitos referentes a essa mesma gramática, a saber:

Primeiro conceito: “a gramática refere-se às regras que uma pessoa deve conhecer para falar e escrever corretamente uma língua” (AZEREDO, 2000: 32).

Segundo conceito: “Gramática é um conjunto de informações geralmente aprendidas na escola, contidas em um livro específico também chamado “gramática”, que nos ensina, entre outras coisas, a classificar os sons que pronunciamos, as palavras e as suas partes, as orações e os seus termos, e a enunciar os processos usuais na combinação dessas unidades (AZEREDO, 2000:33).

Logicamente, que segundo estas perspetivas, a gramática não é vista como um conceito científico, mas sim pedagógico, que, como tal, abarca um conjunto de conhecimentos, logo de competências, aprendidas na escola e que preparam os discentes para as mais variadas necessidades comunicativas do seu dia a dia, onde é necessário um eficiente manejo da designada língua padrão. Mas, retenham-se as sábias palavras de Olavo Bilac e Bomfim sobre estes assuntos, posto que são da opinião de que “o aluno pode perfeitamente estar senhor de todas as regras da gramática, e não saber o que pensa e o que sente, A gramática seca, abstrata e árida, com que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever”. Quer isto significar que, na realidade, falar sobre a língua não é condição absoluta para saber-se usá-la adequadamente. Segundo a perspetiva de Castro, a gramática escolar, ou seja, pedagógica, constitui o “corpo de conhecimentos sobre factos da linguagem verbal, da língua portuguesa e das modalidades sob as quais ela é atualizada, bem como sobre os princípios de análise e os instrumentos operatórios que permitem o estabelecimento daqueles” (CASTRO, 1995: 102). Note-se que se caracteriza simultaneamente como “locus de recontextualização e de transmissão do discurso pedagógico;” isto é, a gramática escolar é

como um lugar de clareza e “construção do conhecimento”, uma vez que é pedagogicamente válida e, em simultâneo, “lugar de transmissão e aquisição desse mesmo conhecimento” (CASTRO, 1995: 180). No fundo, dando continuidade à prossecução de objetivos de regulação de conhecimento explícito da língua, as gramáticas “procedem a um conjunto de operações (...) entre as quais, a delimitação dos domínios considerados relevantes e, ainda que implicitamente, uma sua hierarquização, a explicitação de princípios analíticos, instrumentos operatórios e fatos linguísticos e o desenvolvimento de estratégias discursivas no quadro da transmissão dos conteúdos. Assim, as operações correspondem às perguntas “o que transmitir” e, sucessivamente, “como transmitir”, a primeira, “reenviando para o processo de construção do conhecimento e, no que diz respeito à segunda, remetendo para a sua produção” (CASTRO, 1995: 99). Lembramos ainda as palavras de Esteves Rei e Carlos Assunção que perspetivam a gramática como “um conjunto de normas”, inseridas numa ótica de “gramática explícita e normativa”, ou seja, “um compêndio normativo que fixa e controla um sistema de uma língua” (REI, ASSUNÇÃO, 1998: 9), sem o qual ficamos certamente mais empobrecidos.

Posto isto, devemos formular mais alguns esclarecimentos, desta feita, sobre as gramáticas que constam, atualmente, no mercado editorial português. Na verdade, muitas delas comportam somente o compêndio em si, sem suportes de outros mecanismos auxiliares, como o CD-ROM, sites de internet, embora consigamos encontrar já algumas que vão incluindo o recurso às novas tecnologias, como, por exemplo, a Lisboa Editora. Adite-se ainda a estas informações, numa primeira perspetiva de análise, que a gramática pedagógica surge apenas como um auxiliar de estudo, complementando, assim, o manual escolar. Concomitantemente, numa primeira perspetiva de análise, dá-nos a sensação de que muitas das hipóteses disponibilizadas constituem obras demasiado volumosas, com índices e conteúdos muito preenchidos, com exemplificação bastante confusa e desfasada da realidade dos discentes, com escassos ou até mesmo inexistentes exercícios imprescindíveis à prática que deve seguir a apreensão de conteúdos.

Assim, estão, à partida, identificadas algumas das falhas das gramáticas de língua portuguesa que ainda se vão perpetuando atualmente e que, quer queiramos quer não, continuam a circular nas nossas escolas, acabando por se tornarem responsáveis pelo afastamento do aluno. Deste modo, o resultado de tudo isto é muito fácil de apurar: o discente acaba por tomar, como ponto de referência para o seu estudo, quer o manual escolar quer os apontamentos retirados em sala de aula (sem esquecermos a quantidade de erros gramaticais que eles passam para o caderno diário), adivinhando-se, assim, uma visão parcial ou simplista de cada descrição gramatical em causa. Acresce a tudo isto, o papel fulcral dos encarregados de educação/pais que, malogradamente, na maioria dos casos não entendem a necessidade de adquirir uma gramática, até pelo cenário atrás exposto, na medida em que acaba por ser um investimento dispendioso, não sendo de aquisição obrigatória nas escolas e ainda pelo fato de não constarem, pelo menos atualmente, da lista de livros apoiados pela Ação Social Escolar.

Por outro lado, devemos ainda esclarecer que, no que diz respeito ao funcionamento da língua, existe presentemente uma clara redução dos itens a lecionar. Na verdade, o CEL é, na maior parte dos casos, apenas veiculado pelo manual escolar, oferecendo, por conseguinte, um tratamento reduzido dos aspetos gramaticais, uma vez que é articulado com textos, dando apenas largas à subjetividade dos autores que os apresentam. Mais recentemente, a fim de superarem alguns obstáculos, as editoras recorrem amiudadamente a um caderno de exercícios bastante útil à prática dos conhecimentos adquiridos, aplicando igualmente certos esquemas explicativos incluídos nos manuais adotados. Segundo Inês Sim-Sim e Palmira Rodrigues, importa registar “que o manual escolar surge como denominador comum na alusão dos professores e dos alunos, sendo o elemento mais constante nas atividades em aula e em casa” (SIM-SIM; RODRIGUES, 2006: 134). Deste modo, e uma vez que se trata de um instrumento omnipresente na vida escolar, há que ter um cuidado redobrado aquando da escolha, que deve ser bastante cuidada, esclarecida e consciente.

2. Seleção da amostra para análise

Como é natural, o primeiríssimo passo num empreendimento desta natureza reside na escolha dos manuais gramaticais adequados ao nível de ensino com o qual iríamos colaborar, o 7.º ano de escolaridade. Ademais, procurámos delimitar, por razões pragmáticas, a análise de gramáticas editadas (de algumas das principais casas editoriais com grande projeção no meio escolar) a partir do ano 2000, por constituir um segmento de dez anos, permitindo, deste modo, uma certa observação diacrónica¹ da evolução da produção gramatical coeva lusitana. Assim, as nossas opções recaem em gramáticas que são destinadas preferencialmente ao 3º ciclo, usualmente frequentado por um grupo bastante heterogéneo que se encontra dentro da escolaridade obrigatória. Posto isto, fazem, por conseguinte, parte do *corpus* selecionado gramáticas de diferentes autores que vão desde António Afonso Borregana da Texto Editora; José Manuel Pinto; Zacarias Nascimento, Maria do Céu Lopes da Plátano Editora e Olga Azeredo, M. Isabel Pinto, M. Carmo Lopes da Lisboa Editora. Como se percebe pela informação abaixo veiculada, a ordem de exposição de matérias retiradas destes três preciosos instrumentos de trabalho segue o critério cronológico de publicação.

¹ Note-se, contudo que a observação sincrónica também é promovida neste trabalho, no âmbito do estudo comparativo empreendido.



Figura 1: BORREGANA, António Afonso, Gramática Universal da Língua Portuguesa, 7.º ed., Lisboa, Texto Editora, 2005.

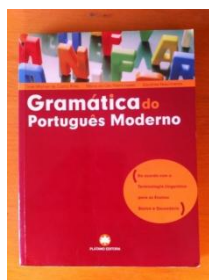


Figura 2: PINTO, José Manuel; NASCIMENTO, Zacarias & LOPES, Maria do Céu, Gramática do Português Moderno, 3ª ed., Lisboa, Plátano Editora, 2006

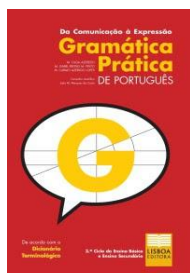


Figura 3: AZEREDO, M. Olga; PINTO, M. Isabel & LOPES, M. Carmo. Da comunicação à Expressão. Gramática Prática do Português, Lisboa, Lisboa Editora, 2009.

No que diz respeito aos objetivos deste empreendimento, parece-nos que são bastante evidentes: procuramos analisar a natureza, a organização, alguns conteúdos selecionados e adequados aos níveis em questão e ainda que colateralmente as pedagogias adotadas no ensino-aprendizagem da gramática. Deste modo, pretende-se uma análise comparativa de certos itens gramaticais constantes nas três mencionadas gramáticas. A conduta utilizada consiste no recurso aos métodos de pesquisa: recolha, análise, comparação, tratamento de dados e, posteriormente, explicação das informações inseridas nas gramáticas escolares. Assim, o presente estudo apresenta três fases: a pré-análise (escolha e descrição da configuração do *corpus*, formulação de hipóteses e de objetivos), a da exploração, análise e descrição da informação inserida e a do tratamento e interpretação dos resultados obtidos, posteriormente registados.

3. Análise do *corpus* selecionado

3.1.0 índice de matérias e a introdução

Feitos estes esclarecimentos preliminares, passamos, de imediato, a apresentar as nossas conclusões decorrentes do estudo comparativo entre as três gramáticas selecionadas. No geral, todas elas apresentam um índice bem estruturado, obedecendo ao princípio da hierarquização de conteúdos, apresentando capítulos gerais que, por sua vez, se subdividem em subcapítulos e em pontos temáticos, como é caso, por exemplo, da gramática da Lisboa Editora. Não obstante, logo após uma primeira impressão, rapidamente nos apercebemos de que da bibliografia, além das obras de referência, constam uma série endereços de sítios úteis para facilitar a posterior consulta dos alunos, o que revela, logo *a priori* uma perspectiva atualizada e inovadora. Não obstante, chamamos a atenção para o fato de que tudo deve ser feito com peso e medida, logo, não devemos inflacionar o peso que as novas tecnologias têm no processo ensino-aprendizagem contemporâneo. Com efeito, não podemos, de todo, transformar a sala de aula em “recreio”, nem competir com as experiências que os discentes vivem cá fora. Assim, isto não pode nem deve constituir um objetivo, como nos sugere Buckingham: “o trabalho realizado na sala de aula está condenado a parecer pouco interessante, quando comparado com as experiências multimédia da maioria dos jovens nos seus tempos livres” (2009: 27). Com efeito, numa época pautada por enormes transformações nos variados setores da sociedade, com evidentes repercussões nos terrenos político, económico, cultural, entre outros, que atingem inexoravelmente o tecido empresarial e laboral, colocam-se também novos desafios às escolas primárias, básicas e secundárias. Como tal, é de louvar o esforço que estas gramáticas têm feito para se adaptarem a estas transformações, aliás, bastante visível também nas escolas, onde os professores se reciclam a toda a hora para acompanharem as atividades modernas como a criação de blogues, de portefólios, webquests, ou do simples preenchimento de fichas interativas disponíveis na internet, não obstante, parece-nos que não devemos exagerar, nem cair no outro extremo, sob pena de transformarmos as aulas em absolutos “recreios”. Ademais, as novas tecnologias não são sinónimo de aprendizagem, mas sim de motivação, então usemo-los como tal.

Feito este pequeno parentese, voltamos, de imediato, à análise das gramáticas em apreço, comparando as matérias, presenças, ausências, diferentes terminologias e dissemelhantes graus de relevância concedida aos tópicos em análise. Como tal, atentemos nas figuras que se seguem (1, 2 e 3) que correspondem exatamente aos índices das três gramáticas em questão.

<i>Índice</i>	
PREFÁCIO	6
C — INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA GRAMÁTICA (CONCEITOS ESSENCIAIS DE LINGÜÍSTICA GERAL)	7
I • LINGUAGEM, LÍNGUA E PALA	7
1 • A Linguagem	7
2 • A Língua	7
3 • A Fala	8
II • SIGNO LINGÜÍSTICO	8
III • FACTORES FUNDAMENTAIS DA COMUNICAÇÃO VERBAL	9
1 • Emissor (Destinatário)	9
2 • Receptor (Destinatário)	9
3 • Canal de comunicação	10
4 • Mensagem — Ordenação das palavras na frase	10
Faixas e choço sintagmático	11
5 • Código — Codificação, descodificação	12
6 • Referente	12
IV • FUNÇÕES DA LINGUAGEM	14
Emotiva; Informativa; Apelativa; Metalingüística; Fática; Poética — pp. 14-16	
V • SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA	17
1 • Sincronia e diacronia	17
2 • Mensagem oral e escrita	17
3 • Níveis de língua	19
VI • DIMENSÃO GEOGRÁFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA	22
1 • A língua portuguesa no mundo	22
2 • Unidade e variedade da língua portuguesa	23
3 • Os dialectos	23
4 • Os crioulos	24
B — A LÍNGUA E A SUA CONSTITUIÇÃO A GRAMÁTICA E AS SUAS PARTES (FONÉTICA, MORFOLOGIA, SINTAXE E SEMÂNTICA)	26
C — FONÉTICA E FONOLOGIA	28
I • FONEMAS	29
1 • Classificação dos fonemas — Vogais	31
2 • Ditongos e a sua classificação	31
3 • Consoantes	33
II • ESTRUTURA FÓNICO-GRÁFICA DAS PALAVRAS — LETRAS, SÍLABAS, ACENTO TÓNICO	35
1 • Síllaba	36
2 • Classificação das palavras quanto ao número de síllabas	36
3 • Acento tónico	36
4 • Enclíticas	37
5 • O alfabeto	38
III • ORTOGRAFIA (A ESCRITA CORRECTA)	40
1 • Noção e complexidade da ortografia	40
2 • Emprego da maiúscula inicial	41
3 • Divisão silábica	44
4 • Relação entre a grafia, a pronúncia e o significado das palavras (palavras homófonas, homógrafas, parónimas, homónimas)	46-48
5 • Sinais auxiliares da escrita (acentos gráficos, regras de acentuação, o til, o hífen, o apóstrofo, a cedilha)	48-59
6 • Algumas regras práticas de ortografia (emprego das vogais, dos ditongos e das consoantes, pontuação)	59-77
III • ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA (ESTUDO DIACRÓNICO DA LÍNGUA)	78
1 • Indo-Europeu — Tronco comum das línguas indo-europeias	79
2 • O latim — Origem das línguas românicas	79
3 • O latim popular — Origem do português	80
4 • Fases da língua portuguesa	80
5 • Origem e evolução do léxico português (via popular, via erudita, vocábulos divergentes e convergentes)	81-82
6 • Etimologia	84
7 • Influências de outras línguas no português primitivo (romance)	89

Figura 4: Índice da Gramática da Texto Editora

8 • Influências eruditas (latinismos)	91	3 • Pronomes possessivos	154
9 • Influência das línguas modernas no léxico português	93	4 • Pronomes demonstrativos	155
10 • Enriquecimento do léxico (formação de palavras dentro da própria língua)	94	5 • Pronomes relativos	158
(Vocabulários compostos por justaposição e aglutinação, Compostos eruditos (latinos e gregos), Palavras derivadas, Prefixos de origem latina, Prefixos de origem grega, Pseudoprefixos, Palavras derivadas por sufixação, Principais sufixos portugueses, Derivação parasintética, Derivação regressiva, Derivação imprópria, Palavras formadas por onomatopéias, Siglas, Família de palavras, campo semântico, Renovação do léxico, Arcaísmos vocabulares — pp. 95-116)		6 • Pronomes indefinidos	160
		7 • Pronomes interrogativos	162
D — MORFOLOGIA	117	VIII • OS NUMERAIS	163
I • DEFINIÇÃO	117	1 • Numerais cardinais	164
II • CLASSES DE PALAVRAS	117	2 • Numerais ordinais	164
III • PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS	117	3 • Numerais multiplicativos	165
IV • OS SUBSTANTIVOS	118	4 • Numerais fraccionários	166
1 • Substantivos concretos e abstractos	118	5 • Numerais colectivos	166
2 • Substantivos próprios e comuns	119	6 • Quadro geral dos numerais	167
3 • Substantivos colectivos	119	IX • OS VERBOS	168
4 • Flexões dos substantivos	120	1 • O verbo como fulcro da frase	168
(Flexão de número, género, substantivos comuns de dois, epicenos e sobrecomuns, graus dos substantivos — pp. 120-136)		2 • Flexões do verbo	169
V • O ARTIGO	136	(Modos, Tempos, Quadro geral dos modos e tempos — Voz activa, Voz activa e Voz passiva, Formas nominais dos verbos, Aspecto verbal, Conjugações verbais, Conjugação pronominal, Conjugação perifrástica, Verbos defectivos, Verbos unipessoais, Verbos impessoais, Verbos irregulares, Particípio passado, Lista dos principais participios regulares / irregulares — pp. 169-207)	
1 • Noção e funcionamento	136	X • OS ADVERBOS	208
2 • Formas do artigo	137	1 • Noção e classificação; Quadro geral dos advérbios	208
3 • Artigo definido e artigo indefinido	137	2 • Locuções adverbiais	211
4 • Funções do artigo	137	3 • Graus dos advérbios	211
VI • ADJECTIVOS	138	XI • AS PREPOSIÇÕES	212
1 • Noção e funcionamento	138	1 • Preposições simples	213
2 • Flexões dos adjectivos	140	2 • Locuções prepositivas	213
(Número, género, grau; quadro dos graus dos adjectivos — pp. 140-148)		3 • Significado das preposições	213
VII • OS PRONOMES	149	4 • Contração de preposições	214
1 • Noção e funcionamento	149	XII • AS CONJUNÇÕES	215
2 • Pronomes pessoais	150	1 • Conjunções coordenativas e subordinativas	215
		2 • Quadro das conjunções e locuções coordenativas	216
		3 • Quadro das conjunções e locuções subordinativas	217
		XIII • AS INTERJEIÇÕES	218
		1 • Classificação segundo o sentimento que exprimem	218
		2 • Locuções interjectivas	219

Figura 5: Índice da Gramática da Texto Editora

S — SINTAXE.....	220	2 • Discurso indirecto.....	262
1 • A FRASE (O PERÍODO).....	220	3 • Discurso indirecto livre.....	264
1 • Frase simples.....	220	S — SEMÂNTICA.....	265
2 • Frase complexa.....	221	1 • Polissemia.....	265
3 • Tipos de frases.....	222	2 • Campo lexical.....	266
4 • Formas de frases.....	223	3 • Palavras sinónimas e palavras antónimas.....	267
5 • Quadro geral de tipos e formas de frases.....	224	4 • Expressividade de tempos e modos.....	267
6 • O período — A oração.....	225	5 • Expressividade da conjugação perifrástica.....	269
7 • Elementos fundamentais da oração		6 • Linguagem literária.....	271
— o predicado — o sujeito.....	226	7 • Norma e desvio.....	272
8 • Elementos complementares da oração; complementos do verbo (c. directo, c. indirecto, agente da passiva, complementos circunstanciais); complemento do nome (aposto, complemento determinativo, atributo, o vocativo).....	229	8 • Denotação e conotação.....	274
II • ORAÇÕES COORDENADAS		9 • Texto literário.....	274
I SUBORDINADAS.....	240	10 • O estilo.....	275
1 • Orações coordenadas.....	240	S — ESTILÍSTICA.....	277
2 • Orações subordinadas.....	243	1 • Noção de «Figura de Estilos».....	277
3 • Orações subordinadas substantivas (integrantes, interrogativas indirectas, infinitivas).....	244	2 • Figuras de estilo fundamentais.....	277
4 • Orações subordinadas adjectivas (relativas).....	246	LC — GÊNEROS LITERÁRIOS (LÍRICO, ÉPICO, DRAMÁTICO).....	291
5 • Orações subordinadas adverbiais (temporais, causais, finais, condicionais, comparativas, concessivas, consecutivas; gerundivas, participiais e infinitivas adverbiais — pp. 248 a 252).....	248	1 • Esquema dos géneros literários.....	291
III • REGRAS FUNDAMENTAIS DA CONCORDÂNCIA.....	252	2 • Género lírico.....	291
1 • Concordância do verbo com o sujeito.....	252	3 • Narrativa.....	299
2 • Concordância do verbo com o predicativo do sujeito.....	256	4 • Narrativa de ficção (Conto, novela e romance; Tipos de romance; O narrador; Personagens — classificação e caracterização; História, discurso e diegese; O tempo na narrativa; Delimitação da intriga; Focalização ou ponto de vista; Sequência narrativa).....	301
3 • Concordância do predicativo do sujeito com o sujeito.....	257	5 • Género dramático (Tragédia, Comédia e Drama) —.....	316
4 • Concordância do atributo com o substantivo.....	258	6 • Confronto entre o género narrativo e o género dramático.....	319
5 • Concordância do aposto com o substantivo.....	259	BIBLIOGRAFIA.....	320
6 • Concordância do predicativo do complemento directo com o complemento directo.....	260		
IV • DISCURSO DIRECTO, INDIRECTO, INDIRECTO LIVRE.....	261		
1 • Discurso directo.....	261		

Figura 6: Índice da Gramática da Texto Editora

1**Comunicação, linguagem e língua**

1.1. Comunicação	15
1.1.1. Elementos da comunicação	15
1.1.2. Comunicação unilateral e bilateral	16
1.2. Linguagem	16
1.2.1. Tipos de linguagem	17
1.2.2. Linguagem oral e linguagem escrita	17
1.3. Língua	18
1.3.1. Competência linguística e gramática da língua	19
1.3.2. Competência comunicativa e adequação no dizer	19

2**A Língua Portuguesa no Mundo**

2.1. Uma das línguas mais faladas	21
2.2. Variações da língua	22
2.3. Variedades do português	23
2.3.1. Variedades portuguesa de Portugal, brasileira e africana	23
A norma e a língua padrão	26
2.3.2. Dialectos	27
2.3.3. Registos de língua	28
Registos corrente, cuidado e familiar	28
Registos especiais: língua popular, gírias, calão e linguagem técnico-científica	30
2.4. Crioulos de base portuguesa	32
2.5. Perspectivas do estudo da língua	33

3**Fonética e fonologia**

3.1. Som e fonema	35
3.2. Vogais	36
3.2.1. Ditongos	38
3.3. Consoantes	39
3.4. Sílabas e palavra	41
3.4.1. Acento tónico	42
3.4.2. Enclíticas	43

4**Escrita e ortografia**

4.1. As letras. O alfabeto	45
4.2. Sinais auxiliares da escrita	46
4.2.1. Acentos gráficos	46
Regras da acentuação gráfica	47
a. palavras agudas ou oxítonas	47
b. palavras graves ou paroxítonas	48

Figura 7: Índice da Gramática da Plátano Editora

Índice Geral

c. palavras esdrúxulas ou proparoxítonas	49
d. casos especiais de acentuação	49
e. casos em que não se emprega o acento	50
4.2.2. Til	51
4.2.3. Cedilha	52
4.2.4. Apóstrofo	52
4.2.5. Hifen	54
4.3. Emprego das vogais e das consoantes	54
4.3.1. Emprego das vogais	54
Emprego do e e do i	54
Emprego do o e do u	56
4.3.2. Emprego das consoantes	56
Emprego do h	57
Emprego do g e do j	57
Emprego do s e do z	58
Emprego do s, ss, c, ç e x	59
Valores do x	59
Emprego do x e do ch	60
Emprego das consoantes dobradas rr, ss, mm, nn	60
Emprego dos grupos consonânticos cc, çç, ct; pc, pç, pt	62
4.4. Divisão silábica. Translineação	63
4.5. Relação fonética e gráfica entre as palavras	65
4.5.1. Homonímia	65
4.5.2. Homografia	65
4.5.3. Homofonia	66
4.5.4. Paronímia	66
4.6. Uso da maiúscula inicial	67
4.7. Pontuação	69
Divisão do texto em parágrafos	79

5

Lexicologia

5.1. Origem e evolução do português	81
5.1.1. Do indo-europeu ao latim	81
5.1.2. O latim vulgar	81
5.1.3. As línguas românicas	82
5.1.4. Via popular e via erudita	83
5.1.5. Palavras divergentes e palavras convergentes	83
5.1.6. Etimologia	84
5.1.7. Processos fonéticos	84
Processos de queda ou supressão: <i>aférese</i> , <i>síncope</i> e <i>apócope</i>	84
Processos de adição: <i>prótese</i> , <i>epêntese</i> e <i>paragoge</i>	85
Processos de alteração: <i>assimilação</i> , <i>dissimilação</i> , <i>nasalação</i> , <i>desnasalação</i> , <i>vocalização</i> , <i>sonorização</i> , <i>palatalização</i> , <i>contração</i> e <i>metátese</i>	85
Analogia e etimologia popular	87

6

Figura 8: Índice da Gramática da Plátano Editora

Índice Geral

5.1.8. Estrato, substrato, superstrato e adstrato	88
Estrato: <i>a língua romance</i>	88
Substrato: <i>o celta</i>	88
Superstratos: <i>o germânico e o árabe</i>	88
Adstrato: <i>o galego</i>	89
5.1.9. Influências de outras línguas	89
5.2. Processos morfológicos de formação de palavras	90
5.2.1. Palavras primitivas e palavras derivadas	90
a. Derivação por prefixação	92
b. Derivação por sufixação	97
c. Derivação regressiva	102
d. Derivação imprópria	102
5.2.2. Palavras simples e palavras compostas	103
a. Composição por justaposição	103
b. Composição por aglutinação	103
5.2.3. Compostos eruditos	104
a. Como primeiro elemento da palavra	104
b. Como segundo elemento da palavra	106
5.2.4. Famílias de palavras	107
5.2.5. Campo lexical	107
5.3. Alargamento e renovação do léxico – Neologismos	108
5.3.1. Abreviaturas	108
5.3.2. Siglas	108
5.3.3. Acrónimos	109
5.3.4. Amálgamas	109
5.3.5. Cultismos e estrangeirismos	109
5.3.6. Compostos eruditos	110
5.3.7. Extensão semântica	110
5.3.8. Onomatopeias	111
5.4. Formas lexicais em desuso – os arcaísmos	111
Arcaísmos lexicais e sintácticos	111

6

Morfologia

6.1. Classes de palavras	113
6.2. Palavras variáveis e palavras invariáveis	114
6.3. Classe dos nomes ou substantivos	114
6.3.1. Subclasses do nome	114
Nomes próprios e nomes comuns	114
Nomes concretos e nomes abstractos	115
Nomes colectivos	115
6.3.2. Género	116
Género natural e género gramatical	116
Formação do feminino	116
O masculino genérico	119
Classe dos inanimados	119
6.3.3. Número	120
Formação do plural	120

7

Figura 9: Índice da Gramática da Plátano Editora

Índice Geral

Plural dos nomes compostos	126
Casos particulares do número	127
6.3.4. Aumentativos e diminutivos	127
6.4. Classe dos adjectivos	128
6.4.1. Caracterização e flexão	128
6.4.2. Género	129
6.4.3. Número	129
6.4.4. Grau	130
Casos especiais de comparativos e superlativos	132
6.5. Classe dos determinantes	135
6.5.1. Artigos	135
6.5.2. Determinantes possessivos	136
6.5.3. Determinantes demonstrativos	136
6.5.4. Determinantes indefinidos	137
6.5.5. Determinantes interrogativos	138
6.6. Classe dos pronomes	139
6.6.1. Pronomes pessoais	139
6.6.2. Pronomes possessivos	141
6.6.3. Pronomes demonstrativos	142
6.6.4. Pronomes indefinidos	143
6.6.5. Pronomes interrogativos	144
6.6.6. Pronomes relativos	145
6.7. Classe dos numerais	146
6.7.1. Numerais cardinais	146
6.7.2. Numerais ordinais	146
6.7.3. Numerais multiplicativos	147
6.7.4. Numerais fraccionários	147
6.7.5. Numerais colectivos	147
6.8. Classe dos verbos	149
6.8.1. Número	149
6.8.2. Pessoa	150
6.8.3. Modo	150
6.8.4. Tempo	151
6.8.5. Formas nominais do verbo	151
Aspecto	154
Aspecto acabado e inacabado	155
Aspecto pontual e durativo	155
Processos para exprimir o aspecto	156
6.8.6. Voz	157
6.8.7. Conjugações	157
6.8.7.1. Tipos de conjugação	157
1ª conjugação – verbos de tema em a	157
2ª conjugação – verbos de tema em e	157
3ª conjugação – verbos de tema em i	157
– Verbos regulares e verbos irregulares	157
– Verbos principais e verbos auxiliares	159
– Verbos defectivos, verbos unipessoais e verbos pessoais	159

Figura 10: Índice da Gramática da Plátano Editora

6.8.7.2.	Conjugação da voz passiva	160
6.8.7.3.	Conjugação pronominal	160
	Com os pronomes o, a, os, as	160
	Pronominal reflexa	161
	Pronominal recíproca	161
6.8.7.4.	Conjugação perifrástica	161
6.9.	Classe dos advérbios	162
6.9.1.	Caracterização	162
6.9.2.	Classificação dos advérbios	162
6.9.3.	Locuções adverbiais	164
6.9.4.	Grau dos advérbios	164
6.10.	Classe das preposições	166
6.10.1.	Caracterização	166
6.10.2.	Preposições	166
6.10.3.	Contração das preposições	166
6.10.4.	Locuções prepositivas	167
6.10.5.	Emprego de algumas preposições	167
6.11.	Classe das conjunções	169
6.11.1.	Caracterização	169
6.11.2.	Conjunções e locuções coordenativas	169
6.11.3.	Conjunções e locuções subordinativas	170
6.12.	Classe das interjeições	171
6.12.1.	Caracterização	171
6.12.2.	Interjeições e locuções interjectivas	171

7

Sintaxe

7.1.	Frase	173
7.1.1.	Frase verbal	173
7.1.2.	Frase nominal	174
7.2.	Entoação da frase	174
7.3.	Tipos de frase	175
7.4.	Formas de frase	175
7.5.	Processos enfáticos da frase	176
7.6.	Frase e oração	176
7.7.	Frase simples e frase complexa	177
7.8.	Funções sintáticas dos elementos da oração	177
7.8.1.	Elementos fundamentais: o sujeito e o predicado	177
	Sujeito	178
	Predicado	180
7.8.2.	Outros elementos da oração	182
7.9.	Ordem dos elementos da oração: <i>ordem directa</i> , <i>inversão gramatical</i> e <i>inversão estilística</i>	191
7.10.	Frase complexa	193
7.10.1.	Coordenação	194
7.10.2.	Subordinação	196
	Orações subordinadas relativas	197

Figura 11: Índice da Gramática da Plátano Editora

Índice Geral

Orações subordinadas completivas ou integrantes	198
Orações subordinadas adverbiais	199
7.11. Processos de concordância	202
7.11.1. Concordância do verbo com o sujeito	202
7.11.2. Concordância do verbo com o predicativo do sujeito	204
7.11.3. Concordância do predicativo do sujeito com o sujeito	205
7.11.4. Concordância do adjectivo com o nome	206
7.11.5. Concordância do aposto com o nome	207
7.11.6. Concordância do predicativo do complemento directo com o complemento directo	207

8

Semântica

8.1. Relações semânticas entre as palavras	209
8.1.1. Sinonímia e antonímia	209
8.1.2. Hiponímia e hiperonímia	210
8.2. Polissemia	211
8.3. Campo semântico	212
8.4. Denotação e conotação	213
8.5. Derivação imprópria	214
8.6. Evolução semântica	216
8.7. Valores especiais dos tempos e dos modos	218
8.8. Valores da forma perifrástica	220

9

Pragmática

9.1. Comunicação verbal	223
9.2. Pragmática	223
9.3. Significado semântico e significado pragmático	224
9.4. Modos de relato do discurso	224
9.4.1. Discurso directo	224
9.4.2. Discurso indirecto	225
Transposição do discurso directo para o indirecto e vice-versa	226
9.4.3. Discurso indirecto livre	227
9.4.4. Citação	227
9.5. Coesão e coerência	228
9.5.1. Coesão lexical, frásica, interfrásica e temporal	228
9.5.2. Coerência	230
9.6. Tipos de texto	230
9.6.1. Texto narrativo	230
9.6.2. Texto descritivo	231
9.6.3. Texto dialogal-conversacional	231
9.6.4. Texto argumentativo	232
9.6.5. Texto expositivo-explicativo	234
9.6.6. Texto obrigativo-instrucional	234

Figura 12: Índice da Gramática da Plátano Editora

10

Literatura

10.1. Texto literário e texto não literário	237
Estrutura	238
Intenção	239
Denotação e conotação	239
Norma	240
10.2. Prosa e poesia	241
Prosa poética e prosa versificada	242
10.3. Processo figurativo – As figuras de estilo	243
10.3.1. Nível fônico (= dos sons):	
<i>aliteração, assonância, paronomásia</i>	244
10.3.2. Nível sintático (= da sintaxe):	
<i>elipse, assíndeto, polissíndeto, anáfora, epífora ou epístrofe, epanadiplose, anadiplose, reduplicação ou epizeuxe, epanalepse, paralelismo, enumeração, gradação, hipérbato ou inversão (e disjunção), quiasmo, anacoluto, pleonasma</i>	245
10.3.3. Nível semântico (do sentido):	
<i>comparação, metáfora, imagem, personificação, animismo, hipérbole, litote, eufemismo perifrásico, antanásiose, antítese, paradoxo, oxímoro, ironia, metonímia, sinédoque, antonomásia, sinestesia, hipálage, zeugma, invocação ou apóstrofe, alusão, alegoria, interrogação, exclamação</i>	250
10.3.4. Alguns outros recursos expressivos	260
Diminutivos e aumentativos	260
Palavras e expressões enfáticas	261
Repetição de palavras ou classes de palavras	262
10.4. Versificação	263
10.4.1. Verso e ritmo	263
10.4.2. Elementos do verso	263
10.4.2.1. Metro: sílaba métrica e acento rítmico	263
Número de sílabas e acentos	264
Verso livre	267
10.4.2.2. Rima	268
10.4.3. Estrofe	270
10.4.4. Formas poéticas fixas: <i>vilancete, esparsa, balada, sextina, soneto, quadra popular</i>	272
10.5. Modos literários	274
modo narrativo, modo lírico e modo dramático	274
10.5.1. Gêneros literários	279
do modo narrativo: <i>poema épico ou epopeia, romance, novela, conto</i>	279
do modo lírico: <i>ode, hino, elegia, écloga, canção</i>	280
do modo dramático: <i>tragédia, comédia, drama</i>	281

Figura 13: Índice da Gramática da Plátano Editora

Apêndice

1. Conjugação dos verbos	283
1.1. Verbo <i>ser</i>	283
1.2. Verbo <i>ter</i>	284
1.3. Verbo <i>haver</i>	286
1.4. Verbos regulares	287
Verbo <i>amar</i> , tema em a	287
Verbo <i>viver</i> , tema em e	288
Verbo <i>partir</i> , tema em i	290
1.5. Verbo na voz passiva: <i>ser amado</i>	291
1.6. Verbo com o pronome o : <i>lavá-lo</i>	293
1.7. Verbo com o pronome reflexo: <i>lavar-se</i>	294
1.8. Particularidades dos verbos regulares	296
1.9. Participios com duas formas	300
1.10. Verbos irregulares	302
1.11. Verbos defectivos	310
1.12. Verbos unipessoais	311
1.13. Verbos impessoais	311
2. Emprego do hífen	312
Tabela dos prefixos com e sem hífen	312
3. Nomes étnicos, pátrios e gentílicos	316
Principais sufixos	316
Pequeno vocabulário	317

Bibliografia Geral	319
---------------------------	-----

Índice Remissivo	321
-------------------------	-----

Figura 14: Índice da Gramática da Plátano Editora

<p>I. LÍNGUA E COMUNIDADE LINGÜÍSTICA. VARIACÃO E MUDANÇA</p> <p>1. Língua e comunidade linguística, 10</p> <p>1.1. Noção de linguagem, língua, comunidade linguística falante, 10</p> <p>1.2. Competência linguística e competência comunicativa, 12</p> <p>1.3. Competência metalinguística, 12</p> <p>2. Estatuto das línguas, 13</p> <p>2.1. Língua nacional/ língua estrangeira, 13</p> <p>2.2. Língua oficial/ língua minoritária, 13</p> <p>2.3. Língua materna/ língua segunda, 14</p> <p>2.4. Língua viva/ língua morta, 14</p> <p>3. Áreas disciplinares de estudo da língua, 16</p> <p>3.1. Língua padrão. Variedades geográficas, sociais, situacionais, 17</p> <p>3.2. Níveis/registos de língua, 17</p> <p>3.3. Língua portuguesa no mundo – Variedade europeia, variedade brasileira, variedades africanas, 23</p> <p>5. Contacto entre línguas, 30</p> <p>5.1. Bilinguismo, multilinguismo, crioulo, 30</p> <p>6. Mudança linguística, 35</p> <p>6.1. Variação no tempo – Sincronia e diacronia. Tipos e factores de mudança linguística, 35</p> <p>6.2. Genealogia linguística. Evolução linguística, 38</p> <p>6.2.1. Língua mãe, famílias de línguas, 38</p> <p>6.2.2. Noções de adstrato, substrato e superstrato. Etimologia e étimo, 41</p> <p>6.2.3. Variação histórica do português: português antigo, clássico, contemporâneo, 43</p> <p>6.3. Fenómenos de variação fonológica e semântica. Palavras divergentes e convergentes, 44</p> <p>II. FONÉTICA E FONOLOGIA</p> <p>1. Fonética, 54</p> <p>2. Fonologia, 55</p> <p>2.1. Nível segmental – Fonema, 55</p> <p>2.1.1. Classificação dos sons: vogais, semivogais, consoantes e sequências de sons, 56</p> <p>2.2. Nível prosódico, 61</p> <p>2.2.1. Características acústicas: tom, duração, intensidade, 61</p> <p>2.2.2. Silaba, 62</p> <p>2.2.2.1. Classificação das sílabas: abertas/fechadas, tónicas/átonas, 62</p> <p>2.2.2.2. Classificação das palavras quanto ao número de sílabas: monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo, 63</p> <p>2.2.3. Acento, 63</p> <p>2.2.3.1. Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica: palavra aguda, grave, esdrúxula, 63</p> <p>2.2.4. Entoação, 64</p> <p>2.2.4.1. Pausa: pausa silenciosa, pausa preenchida, 64</p> <p>2.3. Processos fonológicos, 65</p>	<p>III. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA LÍNGUA</p> <p>1. Grafia, 68</p> <p>1.1. Sistemas de escrita, 68</p> <p>1.2. Alfabeto, letras, dígrafos, 68</p> <p>1.3. Diacríticos, 69</p> <p>1.3.1. Acentos gráficos, 69</p> <p>1.3.2. Sinais diacríticos, 70</p> <p>1.3.3. Sinais gráficos, 71</p> <p>2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita, 73</p> <p>2.1. Sinais de pontuação</p> <p>Diferentes utilizações dos sinais de pontuação, 73</p> <p>– O ponto, 73</p> <p>– A vírgula, 74</p> <p>– O ponto e vírgula, 76</p> <p>– Os dois pontos, 76</p> <p>– O ponto de interrogação, 77</p> <p>– O ponto de exclamação, 77</p> <p>– As reticências, 78</p> <p>– O travessão, 79</p> <p>2.2. Sinais auxiliares da escrita, 79</p> <p>– Os parênteses curvos, 79</p> <p>– Os parênteses rectos ou colchetes, 80</p> <p>– A barra oblíqua, 80</p> <p>– As aspas e as aspas altas, 80</p> <p>– O asterisco, 81</p> <p>– Al(s) chaveta(s), 82</p> <p>3. Configuração gráfica, 82</p> <p>– O espaço, 82</p> <p>– A margem, 82</p> <p>– O parágrafo, 82</p> <p>– O período, 82</p> <p>– A alínea, 83</p> <p>– Formas de destaque, 83</p> <p>– O itálico e o negrito, 83</p> <p>– O sublinhado, 83</p> <p>– O subscrito e o sobrescrito, 84</p> <p>4. Ortografia. Convenções e regras para a representação gráfica, 84</p> <p>4.1. Principais regras de acentuação gráfica, 84</p> <p>4.2. Algumas regras práticas de ortografia, 86</p> <p>– Grafia de vogais e ditongos, 86</p> <p>– Grafia de algumas consoantes, 87</p> <p>– Emprego das letras maiúsculas, 89</p> <p>– Emprego de abreviaturas, 90</p> <p>4.3. Regras de translineação, 91</p> <p>5. Transcrição fonética, 92</p> <p>IV. SINTAXE</p> <p>A. Frase. Da frase simples à frase complexa</p> <p>1. Noção de Frase. Frase simples/frase complexa, 94</p> <p>2. Tipos de frase, 96</p> <p>– Frase de tipo declarativo, 96</p> <p>– Frase de tipo interrogativo (parcial e total), 96</p> <p>– Frase de tipo imperativo, 97</p> <p>– Frase de tipo exclamativo (parcial e total), 98</p> <p>3. Formas de frase, 100</p> <p>– Afirmativa/Negativa, 100</p> <p>– Activa/Passiva, 100</p> <p>– Enfática [Marcada]/ Neutra [Não marcada], 100</p>
---	--

Figura 15: Índice da Gramática da Lisboa Editora

<p>4. Noções de paradigma e de grupo frásico. Grupos frásicos. O núcleo, 102</p> <p>4.1. Grupo nominal e grupo verbal</p> <p>Núcleo nominal e núcleo verbal, 102</p> <p>4.2. Grupo adjectival. Núcleo adjectival</p> <p>Formas sintácticas de expressão do grau, 103</p> <p>4.3. Grupo preposicional. Núcleo preposicional, 104</p> <p>4.4. Grupo adverbial. Núcleo adverbial</p> <p>Formas sintácticas de expressão do grau, 104</p> <p>4.5. Grupos frásicos: relações hierarquizadas, 104</p> <p>4.6. Elementos coordenados, 105</p> <p>5. Funções sintácticas, 106</p> <p>A. Funções sintácticas a nível da frase, 106</p> <p>5.1. Sujeito e predicado, 106</p> <p>5.1.1. Identificação do sujeito, 106</p> <p>5.1.2. Identificação do predicado, 107</p> <p>5.1.3. Tipos de sujeito, 108</p> <p>Sujeito simples e sujeito composto, 108</p> <p>Sujeito nulo (subentendido, indeterminado, expletivo), 109</p> <p>5.1.4. Expansão do grupo nominal</p> <p>sujeito, 110</p> <p>5.1.5. Funções sintácticas internas ao grupo verbal. Elementos do predicado, 111</p> <p>Complementos do verbo, 112</p> <p>– Complemento directo, 112</p> <p>– Complemento indirecto, 113</p> <p>– Complemento obliquo, 115</p> <p>– Complemento agente da passiva, 118</p> <p>– Predicativo do sujeito, 119</p> <p>– Predicativo do complemento directo, 120</p> <p>– Modificadores do grupo verbal, 120</p> <p>5.1.6. Expansão do grupo verbal (predicadol), 124</p> <p>5.2. Vocativo, 125</p> <p>5.3. Modificador da frase, 125</p> <p>B. Funções sintácticas internas a grupos nominais, 127</p> <p>Complementos do nome, 127</p> <p>Modificadores do nome, 128</p> <p>– Modificador restritivo, 128</p> <p>– Modificador apositivo, 129</p> <p>C. Funções sintácticas internas ao grupo adjectival, 130</p> <p>Complemento do adjectivo, 130</p> <p>D. Funções sintácticas internas ao grupo adverbial, 130</p> <p>Complemento do advérbio, 130</p> <p>6. Processos sintácticos, 132</p> <p>6.1. Concordância, 132</p> <p>6.1.1. Concordância do verbo com o sujeito, 132</p> <p>6.1.2. Concordância do predicativo do sujeito com o sujeito, 134</p> <p>6.1.3. Concordância do predicativo do complemento directo com o complemento directo, 135</p>	<p>6.2. Transformação Activa/Passiva, 135</p> <p>6.3. Elipse, 137</p> <p>7. Ordem das palavras, 137</p> <p>Ordem directa, 137</p> <p>Ordem inversa, 137</p> <p>Ordem de palavras interna aos grupos nominais, 138</p> <p>B. Frase complexa: coordenação e subordinação</p> <p>A oração. Orações finitas e não finitas, 140</p> <p>1. A coordenação, 142</p> <p>– Coordenação sindética e coordenação assindética, 142</p> <p>1.1. Coordenação entre frases</p> <p>– Orações coordenadas, 143</p> <p>1.1.1. Oração coordenada copulativa, 143</p> <p>1.1.2. Oração coordenada adversativa, 143</p> <p>1.1.3. Oração coordenada disjuntiva, 144</p> <p>1.1.4. Oração coordenada conclusiva, 144</p> <p>1.1.5. Oração coordenada explicativa, 144</p> <p>2. A subordinação, 145</p> <p>– Oração/elemento subordinante e oração subordinada, 145</p> <p>2.1. Orações subordinadas adverbiais (finitas e não finitas), 146</p> <p>– Oração subordinada adverbial causal, 147</p> <p>– Oração subordinada adverbial temporal, 149</p> <p>– Oração subordinada adverbial final, 151</p> <p>– Oração subordinada adverbial condicional, 152</p> <p>– Oração subordinada adverbial concessiva, 154</p> <p>– Oração subordinada adverbial comparativa, 155</p> <p>– Oração subordinada adverbial consecutiva, 156</p> <p>2.2. Orações subordinadas substantivas (finitas e não finitas), 157</p> <p>– Oração subordinada substantiva completiva, 158</p> <p>– Oração subordinada substantiva relativa sem antecedente, 163</p> <p>2.3. Orações subordinadas adjectivas (finitas e não finitas), 164</p> <p>– Oração subordinada restritiva relativa, 164</p> <p>– Oração subordinada restritiva explicativa, 165</p> <p>V. CLASSES E SUBCLASSES DE PALAVRAS</p> <p>Classes e subclasses de palavras, 168</p> <p>– Palavras e locuções, 168</p> <p>– Classes abertas e classes fechadas, 169</p> <p>– Palavras variáveis e invariáveis, 169</p> <p>1. O nome, 170</p> <p>1.1. Subclasses do nome, 171</p> <p>– Nome próprio</p> <p>– Nome comum</p> <p>– Nome contável /Nome não contável</p> <p>– Nome colectivo</p> <p>1.2. Flexão nominal, 174</p> <p>1.2.1. O género: masculino e feminino</p> <p>Género natural e género gramatical, 174</p> <p>Formação do feminino, 175</p> <p>Casos particulares na formação do feminino, 176</p>
---	---

Figura 16: Índice da Gramática da Lisboa Editora

1.2.2.	O número: singular e plural, 177 Formação do plural, 178 Casos particulares na formação do plural, 178 Plural dos nomes compostos, 180	6.5.	Subclasses de verbos, 245
1.2.3.	O grau: diminutivo e aumentativo, 182	6.5.1.	Verbos principais, 245 Classificação em função da presença e tipo de complementos, 245 - Verbos intransitivos, 245 - Verbos transitivos, 245 Transitivos directos, 245 Transitivos indirectos, 245 Transitivos directos e indirectos, 246 Transitivos predicativos, 246
2.	O determinante, 183	6.5.2.	Verbos copulativos, 247
2.1.	Subclasses do determinante, 185	6.5.3.	Verbos auxiliares - Complexos verbais, 247 - Verbos auxiliares dos tempos compostos, 247 - Verbo auxiliar da passiva, 247 - Verbos auxiliares temporais, 248 - Verbos auxiliares aspectuais, 248 - Verbos auxiliares modais, 249
2.1.1.	Determinante artigo definido e indefinido, 185	7.	O advérbio, 252
2.1.2.	Determinante demonstrativo, 186	7.1.	Subclasses do advérbio, 254
2.1.3.	Determinante possessivo, 188		Advérbio de predicado, 254 - com valor de tempo, 254 - com valor de lugar, 254 - com valor de modo, 255 Advérbio de frase, 255 Advérbio conectivo, 256 Advérbio de negação, 256 Advérbio de afirmação, 257 Advérbio de quantidade e grau, 257 Advérbio de inclusão, 257 Advérbio de exclusão, 258 Advérbio interrogativo, 258 Advérbio relativo, 258
2.1.4.	Determinante indefinido, 190	7.2.	Algumas locuções adverbiais, 260 O grau dos advérbios, 260
2.1.5.	Determinante interrogativo, 191	8.	A preposição, 262
2.1.6.	Determinante relativo, 192	8.1.	Preposições e locuções prepositivas, 262
3.	O quantificador, 193	8.2.	Valores da preposição, 263
3.1.	Subclasses do quantificador, 193	9.	A conjunção, 265
3.1.1.	O quantificador existencial, 193	9.1.	Subclasses da conjunção, 267
3.1.2.	O quantificador universal, 194	9.1.1.	Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas, 267
3.1.3.	O quantificador numeral, 195	9.1.2.	Conjunções e locuções conjuncionais subordinativas, 270
3.1.4.	O quantificador interrogativo, 196	10.	A interjeição, 272
3.1.5.	O quantificador relativo, 197		Algumas interjeições e locuções interjectivas, 274
3.2.	Formas de expressão da quantificação, 198	VI.	MORFOLOGIA E LEXICOLOGIA
4.	O pronome, 202	1.	Léxico e Vocabulário, 276
4.1.	Subclasses do pronome, 203	1.1.	Expressões idiomáticas, 276
4.1.1.	Pronome pessoal, 203 Flexão em género, número, pessoa e caso Formas tónicas e átonas, 203 Valores dos pronomes pessoais, 208	1.2.	Palavra Palavra simples e palavra complexa, 277 Neologismos e arcaísmos, 278
4.1.2.	Pronome possessivo, 211	2.	Criação, renovação e enriquecimento do léxico
4.1.3.	Pronome demonstrativo, 212	2.1.	Processos morfológicos de formação de palavras, 279
4.1.4.	Pronome interrogativo, 213		
4.1.5.	Pronome relativo, 214		
4.1.6.	Pronome indefinido, 215		
5.	O adjectivo, 217		
5.1.	Subclasses do adjectivo, 218 - Adjectivo numeral, 218 - Adjectivo qualificativo, 218 - Adjectivo relacional, 218		
5.2.	Flexão adjectival, 220		
5.2.1.	O género e o número, 220 Casos particulares, 220		
5.2.2.	O grau, 221 Casos particulares de comparativo e superlativo, 223		
6.	O verbo, 225		
6.1.	Flexão do verbo, 225		
6.1.1.	O número, 226		
6.1.2.	A pessoa, 226		
6.1.3.	O modo, 227		
6.1.4.	O tempo, 228 Tempos simples e tempos compostos, 229		
6.1.5.	Valores dos modos e dos tempos em diferentes contextos, 230		
6.2.	O aspecto, 239		
6.3.	Conjugações, 240 Especificidades da conjugação dos verbos quando acompanhados de pronomes pessoais átonos, 241		
6.4.	Tipologia verbal quanto à flexão, 242		
6.4.1.	Verbos regulares, 242 Verbos irregulares - Formas verbais supletivas, 242		
6.4.2.	Verbos defectivos, 243		

Figura 17: Índice da Gramática da Lisboa Editora

2.1.1.	Derivação - Com adição de constituintes morfológicos, 279 Afixação - prefixação, sufixação, parassíntese, 279 - Sem adição de constituintes morfológicos, 285 Conversão ou derivação imprópria, 285 Derivação não afixal, 286 - Composição morfológica, 288 - Composição morfossintáctica, 289	VIII.	ANÁLISE DO DISCURSO, PRAGMÁTICA E LINGÜÍSTICA
2.2.	Família de palavras, 290	1.	Comunicação e interação discursivas, 318
2.3.	Processos irregulares de formação de palavras, 290	1.1.	Locutor, ouvinte, interlocutor
2.3.1.	Onomatopéias, 290	1.2.	Emissor e receptor, 318
2.3.2.	Síglas e acrónimos, 292	1.3.	Contexto situacional e contexto verbal Informação, Enciclopédia
2.3.3.	Truncção, 292	1.4.	Universo de discurso. Interdiscursividade, 320
2.3.4.	Amálgama, 293	1.5.	Discurso, 325
2.3.5.	Empréstimos ou estrangeirismos, 293	1.6.	Estratégia discursiva e competência discursiva, 325
2.3.6.	Extensão semântica, 295	1.7.	1.6.1. Uso oral e uso escrito, 326 1.6.2. Registos de língua - formal e informal Formas de tratamento, 328
2.3.7.	Processos híbridos de formação de palavras, 295	1.8.	1.7.1. Enunciação e enunciado Enunciador/destinatário, 328
3.	Significação lexical, 296	1.9.	1.8.1. Actos de fala - directos e indirectos Conteúdo proposicional e força ilocutória Actos locutórios, perlocutórios e ilocutórios, 332
3.1.	Signo linguístico Significante e significado, 296	1.9.1.	1.9.1.1. Princípios reguladores da interação discursiva, 338 1.9.1.2. O princípio da cooperação e as máximas conversacionais, 338 - de quantidade, 338 - de qualidade, 338 - de relação, 339 - de modalidade, 339
3.2.	Denotação e conotação, 297	1.9.2.	1.9.2.1. O princípio da cortesia - Noção de face, 339
3.3.	Polissemia e monosssemia, 298	1.10.	1.10.1. Processos interpretativos inferenciais: presuposição, implicação e implicatura conversacional, 341
4.	Relações entre as palavras, 300	1.11.	1.11.1. Reprodução do discurso no discurso: discurso directo, indirecto, indirecto livre e directo livre Verbos introdutórios do relato do discurso Citação, Polifonia, 343
4.1.	Relações semânticas, 300	2.	O Texto, 349
4.1.1.	Relações de semelhança - Sinonímia, 300	2.1.	Texto, textualidade. Parágrafo, frase. Co-texto, 349
4.1.2.	Relações de oposição - Antonímia, 301	2.2.	2.2.1. A coerência textual, 353 - A coerência lógico-conceptual (interna ao texto), 353 - A relevância, 353 - A não contradicção, 354 - A não redundância, 354 - A coerência pragmático-funcional (a relação texto-situacional), 356
4.1.3.	Relações de hierarquia - Hiperonímia / Hiponímia, 301	2.2.2.	2.2.2.1. A coesão textual, 356 - A coesão lexical, 356 - A coesão interfrásica, 358 - Marcadores discursivos/conectores, 359 - A coesão temporo-aspectual, 360 - A anáfora, A catáfora, 360 - A elipse, 361 - A co-referência, 362 - Cadeia de referências, 363
4.1.4.	Relações de todo-parte - Holonímia / Meronímia, 302	2.3.	2.3.1. A progressão temática, 364 - A progressão por tema constante, 364 - A progressão linear, 364 - A progressão por tema derivado, 364
4.1.5.	Estruturas lexicais, 302 - Campo lexical, 302	2.4.	2.4.1. A digressão, 365
4.2.	Relações a nível da grafia e da fonia, 303	2.5.	2.5.1. Intertexto e intertextualidade. Hipertexto. Paráfrase, 365
4.2.1.	Homonímia, 303	2.6.	2.6.1. Autor/leitor, 366
4.2.2.	Homofonia, 303		
4.2.3.	Homografia, 304		
4.2.4.	Paronímia, 304		
VII.	SEMÂNTICA		
1.	Conteúdo proposicional, 306		
1.1.	Referência e predicação, 306		
1.2.	Noção de polaridade, 307		
1.3.	Valores de especificidade e genericidade, 307		
2.	Valor temporal, 309		
3.	Valor modal, 310		
3.1.	Modalidade, 310		
3.2.	Modalidade apreciativa, 311		
3.3.	Modalidade deóntica, 311		
3.4.	Modalidade epistémica, 311		
4.	Valor aspectual, 313		
4.1.	Aspecto, 313		
4.2.	Aspecto lexical, 313		
4.3.	Aspecto gramatical, 314		

Figura 18: Índice da Gramática da Lisboa Editora

<p>3. Tipos de texto, 367</p> <p>3.1. A noção de tipo de texto, sequências textuais e configuração, 367</p> <p>3.2. O texto narrativo, 368</p> <p>3.2.1. A sequência narrativa, 368</p> <p>3.2.2. A narração, 369</p> <p>3.2.3. Categorias da narrativa, 369</p> <p> – O espaço, 369</p> <p> – O tempo, 370</p> <p> – A personagem, 371</p> <p> – A acção, 372</p> <p> Articulação das sequências narrativas, 373</p> <p> – Articulação por encaixe, 373</p> <p> – Articulação por alternância, 373</p> <p> – Articulação por encadeamento, 374</p> <p> – Narrador e narratário, 374</p> <p> O ponto de vista do narrador, 375</p> <p>3.3. O texto descritivo, 378</p> <p>3.3.1. A sequência descritiva, 378</p> <p>3.3.2. A descrição, 379</p> <p>3.4. O texto instrucional ou directiva, 381</p> <p>3.4.1. A sequência instrucional ou directiva, 381</p> <p>3.5. O texto conversacional, 382</p> <p>3.5.1. A sequência conversacional, 382</p> <p>3.5.2. Modalidades discursivas, 384</p> <p> – O diálogo, 384</p> <p> – O monólogo, 384</p> <p>3.6. O texto argumentativo, 385</p> <p>3.6.1. A sequência argumentativa, 385</p> <p>3.7. O texto expositivo, 387</p> <p>3.7.1. A sequência expositiva, 387</p> <p>3.8. O texto preditivo, 388</p> <p>4. Especificidades do texto literário, 389</p> <p>4.1. O texto literário e o texto não literário, 389</p> <p>4.2. O texto literário – subjectividade, ambiguidade, plurissignificação, 390</p> <p>4.3. Conotação e denotação, 391</p> <p>4.4. Poesia e prosa, 392</p> <p>4.4.1. Versificação, 392</p> <p> – A métrica, 392</p> <p> – O ritmo, 393</p> <p> – A rima, 394</p> <p> – Estrofe ou estâncias, 395</p> <p>4.5. Géneros literários: lírico, narrativo, dramático, 397</p> <p>5. Paratexto, 399</p> <p> – Título e subtítulo, 399</p> <p> – Índice, 399</p> <p> – Prefácio, 399</p> <p> – Posfácio, 399</p> <p> – Epígrafe, 400</p> <p> – Nota de rodapé, 400</p> <p> – Bibliografia, 400</p> <p>IX. A LÍNGUA COMO FONTE DE RECURSOS EXPRESSIVOS</p> <p> Noção de estilo</p> <p> Figuras de retórica e tropos, 402</p> <p>1. Nível fónico, 403</p> <p> 1.1. Emprego da onomatopeia, 403</p> <p> 1.2. Emprego da rima, 403</p> <p> 1.3. Emprego de figuras de retórica: Alteração, Assonância, 404</p>	<p>2. Nível sintáctico, 406</p> <p> 2.1. Emprego de determinantes, 406</p> <p> 2.2. Emprego de pronomes pessoais, 407</p> <p> 2.3. Emprego de adjectivos, 408</p> <p> 2.4. Emprego de verbos, 410</p> <p> 2.5. Emprego de advérbios terminados em -mente, 410</p> <p> 2.6. Emprego de interjeições, 410</p> <p> 2.7. Emprego de coordenação e subordinação, 411</p> <p> Assindeto, Polissindeto, 411</p> <p> 2.8. Elipse, 412</p> <p> 2.9. Interrogação retórica, 413</p> <p> 2.10. Emprego de figuras de retórica:</p> <p> 2.10.1. Repetição, Paralelismo, Anáfora, 413</p> <p> 2.10.2. Quiasmo, 415</p> <p> 2.10.3. Enumeração, Gradação, 415</p> <p> 2.10.4. Hipérbato, 415</p> <p> 2.10.5. Anacoluto, 416</p> <p>3. Nível semântico – emprego de figuras de retórica e tropos:</p> <p> 3.1. Comparação, 416</p> <p> 3.2. Metáfora, Imagem, 417</p> <p> 3.3. Alegoria, 419</p> <p> 3.4. Sinestesia, 419</p> <p> 3.5. Antítese, Oxímoro, Paradoxo, 420</p> <p> 3.6. Perífrase, 420</p> <p> 3.7. Eufemismo, Disfemismo, 420</p> <p> 3.8. Litotes, 421</p> <p> 3.9. Pleonismo, 421</p> <p> 3.10. Personificação, Prosopopeia, Animismo, 421</p> <p> 3.11. Hipálage, 422</p> <p> 3.12. Apóstrofe, 422</p> <p> 3.13. Hipérbato, 423</p> <p> 3.14. Ironia, Sarcasmo, 423</p> <p> 3.15. Metonímia, Sinédoque, Antonomásia, 424</p> <p> 3.16. Símbolo, 425</p> <p> 3.17. Alusão, 426</p> <p>X. LEXICOGRAFIA</p> <p>1. Obras lexicográficas, 428</p> <p> – Dicionário, 428</p> <p> – Glossário, 429</p> <p> – Enciclopédia, 429</p> <p> – Terminologia, 430</p> <p> – Thesaurus, 430</p> <p>2. Informação lexicográfica, 430</p> <p> – Entrada lexicográfica, 430</p> <p> – Artigo, 430</p> <p> – Termo, 430</p> <p>APÊNDICE I – TÉCNICAS DE EXPRESSÃO</p> <p>1. Resumo. Contração de texto. Síntese. Sumário, 432</p> <p>2. Comentário. Dissertação, 437</p> <p>3. Carta. Requerimento. Declaração. Curriculum Vitae. Relatório, 446</p> <p>APÊNDICE II – CONJUGAÇÃO DE VERBOS, 453</p> <p>BIBLIOGRAFIA, 477</p>
---	--

Figura 19: Índice da Gramática da Lisboa Editora

Na sequência da análise dos índices expostos nas figuras 1, 2 e 3, cumpre-nos concluir que, apesar de algumas presenças inevitáveis, comuns a todas as editoras, distribuídas pelos vários domínios da gramática, designadamente a Sintaxe, a Semântica, a Morfologia, a Fonética e Fonologia, a História da Língua, a Pragmática, com extensões à estilística e aos géneros literários, existem efetivamente algumas entradas novas e deveras úteis. Referimo-nos concretamente à gramática da Lisboa Editora, posto que é a que, em nossa opinião, inclui mais novidades nas designações e, por consequência, na extensão dos conteúdos que abarca. E são várias as possibilidades que sustentariam aquilo que acabámos de afirmar e visíveis em diferenciados planos, no entanto, até por motivos pragmáticos, há que fazer apenas alguns destaques. E mencionamos, logo à partida, o fato da morfologia ser apresentada na Lisboa Editora de mãos dadas com a lexicologia, alargando, naturalmente, a abrangência dos conteúdos a incluir, ao passo que a da Texto Editora, nem sequer possui o item Lexicologia, remetendo a exploração de algumas matérias a ela concernentes para o tópico “origem da língua portuguesa” e outras nem sequer são abordadas, e da Plátano Editora apresenta os dois itens separados e, diga-se em abono da verdade, também bastante bem explorados. O que nenhuma delas possui, à exceção da Lisboa Editora, e continuando no domínio do léxico, é um tópico dedicado à Lexicografia que consideramos muito interessante e deveras relevante e

pertinente. Isto porque, além de dar a conhecer aos discentes os diferentes tipos de manuais dedicados ao vocabulário, digamos assim, ensina-os algo que consideramos vital, mesmo nesta faixa etária, referimo-nos ao reconhecimento de uma entrada lexicográfica e respetiva função. Na verdade, urge ensinar os nossos alunos coisas tão simples como o que é e para que serve o dicionário. Isto porque, larga maioria deles não sabe que o dicionário não se restringe apenas à verificação da ortografia e significado das palavras, mas que veicula também informação fonético-fonológica, morfológica, etimológica e para que serve cada uma delas. Apreciamos, igualmente, o item “a língua como fonte de recursos expressivos”, mais uma vez incluído na Lisboa Editora, que após a apresentação da “noção de estilo” e das “figuras de retórica e tropos” se encontra habilmente distribuído pelos designados “nível fónico”, “nível sintático”, “nível semântico - emprego de figuras de retórica e tropos”. Finalmente, destacamos o título “análise do discurso. Pragmática e linguística” que conta com alguns tópicos sob a sua alçada como “comunicação e interacção discursivas”, “o texto”, “tipos de texto”, “especificidades do texto literário” e “paratexto”. Como se pode imaginar, não podíamos, de maneira nenhuma, deixar de tecer alguns considerandos sobre a inclusão da pragmática, sob o título atrás mencionado, nesta obra, e, de entre uma panóplia imensa de comentários que gostaríamos de fazer, destacamos, simplesmente, e a título exemplificativo da completude e pertinência dos aspetos estudados nesta gramática, o “paratexto”. Este último item, embora a Plátano Editora também confira um bom destaque à pragmática, ao passo que a Texto editora não o trata, não aparece analisado em mais nenhuma gramática. Mais uma vez, estamos perante uma questão de suma importância, até porque, no âmbito dos paratextos, é abordada a questão da bibliografia, peça basilar de um qualquer trabalho. E quanto mais cedo os discentes tomarem consciência destas realidades, melhor.

Após esta breve viagem, podemos concluir que, na realidade, e apesar de extensão não ser sinónimo de qualidade, isto porque a Lisboa Editora conta com 480 páginas, a Plátano Editora com 328 páginas e a Texto Editora com 320 páginas, a mesma ordem em que as colocaríamos em termos grau de importância e de adaptabilidade às turmas com as quais trabalhámos, neste caso concreto a diferença de quantidade surte o seu efeito benéfico. Assim, sem qualquer margem para dúvidas, a gramática que escolheríamos para utilizar nas turmas com as quais colaborámos este ano letivo é a da Lisboa Editora.

No que diz respeito à introdução, vejamos primeiramente o quadro síntese abaixo exposto.

Tabela 1: Análise da introdução das gramáticas

Introdução	Texto Editora	Plátano Editora	Lisboa Editora
Páginas	(prefácio) 2 pp.	0 p.	1 p.
Citação	F. Pessoa	-	-
Destinatário	(Professores e alunos)	-	(Alunos de 3º ciclo e Ensino Secundário)
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Gramática “Bíblia da Língua”. - Transmissora da norma das estruturas e do funcionamento. - Estado empobrecido a nível da gramática dos alunos à chegada às universidades. - Contributo pessoal para melhorar a situação. - Linha clássica com novas pedagogias, e em linha com novos programas. - Regras sintética, claras com exemplos esclarecedores. 	-	<ul style="list-style-type: none"> - Reformulação da versão anterior. - TLEBS. - Análise da língua na vertente prática/literária. - Obra de apoio e aprofundamento. - Capítulo e anexo sobre o texto literário. - Simplificação dos conteúdos pelas alterações do Dicionário Terminológico. - Símbolo S para conteúdos do Secundário. - Caixas de síntese dos conteúdos. - Caderno de exercícios e soluções noutra volume.

Como se pode constatar, as introduções, assim como os índices, oferecem variadas informações que também passam pela questão da conjugação verbal, incluindo variadas tabelas e quadros de conjugação. Assim, a Plátano Editora, disponibiliza a conjugação dos verbos, o emprego do hífen e os nomes étnicos, pátrios e gentilícios. No que concerne à gramática da Lisboa Editora, encontramos um apêndice intitulado “Técnicas de Expressão”, que se dedica aos textos utilitários, de entre os quais destacamos, o resumo, o requerimento, a declaração, o *curriculum vitae* e o relatório. Não obstante, inclui ainda mais um apêndice onde se dedica à conjugação verbal, incluindo tabelas que dão conta dos verbos regulares e

irregulares. Como se pode verificar, são já visíveis as diferenças entre elas. Mas, diga-se, em abono da verdade, que apesar de tratarem dos mesmos assuntos, remetem para apêndices bastante diferentes e que são certamente pouco explorados pelos discentes.

Compreendemos, pela leitura das introduções disponibilizadas (note-se que a gramática da Plátano Editora não contém qualquer introdução), a metodologia, os objetivos e os fundamentos científicos seguidos, mas também certas informações adicionais, como é o caso da menção feita pela Texto Editora à existência de novos programas de Língua Portuguesa ou às atualizações da TLEBS referidas pela Lisboa Editora. Ademais, é ainda identificado ao público-alvo a que se destina, neste caso concreto, a alunos de 3º ciclo e do Ensino Secundário. Logo aqui há uma crítica a fazer. Estas gramáticas, nunca deveriam incluir destinatários tão abrangentes, isto é, deveria existir uma gramática dedicada somente ao 3.º Ciclo e uma outra a alunos do secundário. E parece-nos que os motivos são fáceis de compreender, estamos perante faixas etárias demasiado díspares, pelo que não podemos colocar todos os ovos no mesmo cesto. Não obstante, devemos mencionar que, numa tentativa de maior inteligibilidade, a gramática da Lisboa Editora tem o cuidado de assinalar com um S os aspetos destinados aos alunos do Ensino Secundário. Embora insuficiente, é de louvar o esforço.

1.2 A aparência gráfica das gramáticas em estudo

Tratando-se de uma análise vocacionada para alunos de 3.º ciclo, pareceu-nos que se trata efetivamente de um detalhe de suma importância e, como tal, importa empreender esta análise à componente gráfica. Na realidade, o grafismo das gramáticas, dá mostras de estar a acompanhar os tempos e as novas tecnologias e todas elas incluem, em maior ou menor escala é certo, no seu seio ilustrações, tabelas, esquemas, quadros síntese que muito facilitam a inteligibilidade da mensagem e muito contribuem para a motivação dos discentes. Mais uma vez, aquela que leva maior vantagem na adaptação a estas ferramentas auxiliares é a Lisboa Editora que inclui, igualmente imagens, fotos, bandas desenhadas, diferentes colorações.

Tabela 2: Aspeto gráfico das gramáticas

Número de páginas	Texto Editora	Plátano Editora	Lisboa Editora
Ilustradas	4	2	104
Tabelas /Quadros	24	81	227
Esquemas	6	27	6

Esta simples tabela, acaba por ser bastante conclusiva, posto que nos demonstra o apurado trabalho da Lisboa editora, também neste capítulo. No entanto, há ainda que louvar o esforço produzido pela Plátano Editora, já que apresenta mais esquemas síntese, ferramentas importantes para uma explicação organizada, estruturada e simplificada da matéria veiculada, que qualquer uma das outras. Depois do exposto, e como se compreende, a realização desta tabela sustentou-se num apurado trabalho de pesquisa e de contabilização, naturalmente que aproximada. Finalmente, estamos em condições de dizer que, também neste plano, a gramática da Lisboa Editora, mais uma vez ganha a nossa preferência. Assim, não há qualquer margem para dúvidas em relação às posições no *ranking* que estas gramáticas ocupam: a Lisboa Editora ocupa o primeiro lugar, a Plátano Editora ocupa o segundo lugar, e a Texto Editora ocupa o terceiro lugar, curiosamente esta ordem indicia o esforço produzido contemporaneamente em fazer mais e melhor.

1.3 Estudo comparativo de um item gramatical

Por razões pragmáticas e funcionais, foi apenas selecionado um tópico gramatical para uma análise mais aprofundada, no domínio da Sintaxe, designadamente no âmbito da frase complexa: coordenação e, ainda que colateralmente, a subordinação, isto porque trata-se de um aspeto deveras importante que é obrigatoriamente abordado no âmbito do 3.º Ciclo. Assim, a escolha deste item para uma análise mais detalhada deve-se a um critério de importância, ou seja, esta é uma matéria altamente relevante, até porque sem o eficiente domínio destes conceitos, os discentes não poderão saber escrever corretamente. Além do mais, explicita-se ainda que se os alunos não conhecerem as orações subordinada coordenativas, nunca saberão colocar corretamente a vírgula antes da adversativa, do mesmo modo que se não souberem distinguir uma oração subordinada da subordinante, não saberão colocar a vírgula a separá-las, quando a primeira oração é a subordinada. Deste modo, está justificada a importância destas questões, daí que as tenhamos escolhido. Não obstante, reconhecemos que poderíamos eventualmente encontrar outros assuntos quiçá com mais substância em termos contrastivos. Estamos a lembrar-nos concretamente do tópico “Fonética e Fonologia” que, apesar de se intitular da mesma forma em todas as gramáticas, apresenta diferenças substanciais de exploração e até de subdivisão das matérias.

3.3.1. A Frase complexa: coordenação e subordinação

E antes de mais comparações, importa referir o que consta do documento oficial DT, de resto, sobejamente conhecido no círculo escolar, a respeito destas matérias. Assim, enquanto a frase simples é entendida como a que possui um único verbo principal ou

copulativo, a frase complexa é concebida como aquela que possui um verbo principal ou copulativo em cada uma das suas orações. Quanto aos elementos que conferem coesão ao texto, as orações podem ser ligadas por coordenação, consoante a presença dos elementos morfológicos: conjunções ou locuções coordenativas, como se infere nas três gramáticas em análise. Como se sabe, a definição de coordenação do DT é a seguinte: “processo sintático que consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas com a mesma categoria e/ou com a mesma função sintática”. É de referir que a explicação sobre a igualdade entre constituintes é bastante simples como, de resto convém a alunos de 3º ciclo. Não obstante, devemos reter mais uma informação do mencionado DT sobre a oração coordena, a saber: “oração contida numa frase complexa, que não mantém uma relação de subordinação sintática com a(s) frase(s) ou oração(ões) com que se combina, distinguindo-se, tipicamente, das orações subordinadas por não poder ser anteposta”.

Quanto à oração coordenada adversativa, é entendida, segundo o DT, como aquela que “transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na frase ou oração com que se combina”. Como se sabe, esta transmite a ideia de oposição, incompatibilidade, como é referido no DT. Já a oração coordenada disjuntiva ou alternativa, à luz da oposição ou exclusão, é vista pelo DT como aquela que “exprime um valor de alternativa face ao que é expresso pela oração com que se combina”. Já no que diz respeito à oração coordenada conclusiva, é responsável por traçar uma conclusão ou dedução lógica, logo, segundo o DT, “transmite uma ideia de conclusão decorrente de uma premissa expressa ou implícita na frase ou oração com que se combina”. Finalmente, a oração coordenada explicativa, que nas gramáticas da Texto Editora e da Lisboa Editora, surge incluída no DT: “apresenta uma justificação ou explicação para que se torne legítimo o ato de fala, expresso pela frase ou oração com que se combina”.

Não obstante, a ligação das frases, ou melhor, neste caso concreto a relação hierárquica, de duas ou mais orações, pode ocorrer também por via da subordinação, uma vez que a oração subordinante, ou seja, a “palavra, constituinte ou frase de que depende uma oração subordinada”, consiste numa “oração contida numa frase complexa, que desempenha uma função sintática na frase em que se encontra. As orações subordinadas podem desempenhar a função sintática de sujeito, complemento ou modificador (da frase, do grupo verbal ou do nome)”. Ademais, o DT refere igualmente que, segundo o tipo e função sintática que desempenham, as subordinadas podem ser classificadas como substantivas, adjetivais ou adverbiais”. Mas atentemos no quadro abaixo exposto, para termos uma ideia um pouco mais detalhada sobre a forma como a oração coordenativa é explorada nas três gramáticas em estudo.

Tabela 3: Análise do corpus de gramáticas - sintaxe

Análise do <i>corpus</i> de gramáticas - sintaxe		
Texto Editora 2005	Plátano Editora 2006	Lisboa Editora 2009
A coordenação		
Frase complexa: “constituída por duas ou mais orações (com dois ou mais verbos em tempos finitos)” (p. 221).	Frase complexa: “é aquela em que ocorrem relações de coordenação e/ou de subordinação” (p. 155).	Frase complexa: “existe mais do que um verbo principal ou copulativo” (p. 142).
“Os períodos complexos têm mais e uma oração. As orações, dentro de cada período, podem ligar-se por coordenação (mediante conjunções coordenativas)” (p. 240).	“As frases coordenadas classificam-se de acordo com a conjunção ou locução coordenativa (expressa ou subentendida) que as liga” (p. 156).	“No caso das frases formadas por coordenação, combinam-se duas ou mais orações coordenadas” (p. 142) / Classificação: “de acordo com o sentido das conjunções ou advérbios conetivos (...) que as introduzem” (p. 145).
“chamam-se coordenadas sindéticas as orações ligadas por e e assindéticas as separadas por vírgula” (p. 241).	Coordenação sindética: “ quando o conetor coordenativo (conjunção /locução coordenativa) está presente” / Coordenação assindética: “quando o conetor (...) está ausente” (p. 156).	Coordenação: sindética: “se a conjunção ou locução conjuncional coordenativa que introduz uma das orações coordenadas está expressa (...) Se tal não acontecer a coordenação é assindética e as orações coordenadas estão separadas, na escrita, por uma vírgula” (pp. 142-143).

<p>Orações coordenadas copulativas: “São as que exprimem uma simples adjunção, ou adição, de afirmações (orações)” (p. 241).</p>	<p>Frases/Orações coordenadas copulativas: “Existe entre estas frases uma relação de contraste, de oposição - o que se diz numa frase não é compatível com o que se diz na outra” (p. 156).</p>	<p>Oração coordenada copulativa: “há duas orações ligadas pela conjunção coordenativa copulativa e (...) a segunda acrescenta, por adição, uma ideia à que é transmitida na primeira” (143); “exprimem uma ideia de adição” (p. 145).</p>
<p>Orações coordenadas adversativas: “são coordenadas adversativas as orações em que se estabelece uma oposição entre o que se afirma na primeira e na segunda” (p. 241).</p>	<p>Frases/Orações coordenadas adversativas: “Existe entre estas frases uma relação de contraste, ed oposição - o que se diz numa frase não é compatível com o que se diz na outra” (p. 156).</p>	<p>Oração coordenada adversativa: “a conjunção coordenativa mas introduz a ideia de oposição ou contraste (...) face ao pressuposto expresso na primeira oração” (144); “exprimem uma ideia de oposição, de contraste” (p. 145).</p>
<p>Orações coordenadas disjuntivas: “São disjuntivas as orações coordenadas que estabelecem uma alternativa entre o que se afirma na primeira e na segunda” (p. 242).</p>	<p>Frases/Orações coordenadas disjuntivas: “Aquilo que se diz numa frase é uma situação de alternativa, e oposição ou e exclusão relativamente à situação apresentada na outra” (p. 156).</p>	<p>Oração coordenada disjuntiva: “as duas orações exprimem ideias (...) postas em alternativa através da conjunção coordenativa disjuntiva” (p. 144); “apresenta uma alternativa” (p. 145).</p>
<p>Orações coordenadas conclusivas: “É conclusiva a oração coordenada que, a partir do conteúdo da primeira conclui o conteúdo da segunda” (p. 242).</p>	<p>Frases/Orações coordenadas conclusivas: “Aquilo que se diz numa frase é a conclusão lógica da situação apresentada na outra” (p. 156).</p>	<p>Oração coordenada conclusiva: “a segunda oração (...) é apresentada como uma conclusão, uma dedução lógica da primeira” (p. 144); “exprime uma conclusão” (p. 145).</p>
<p>Orações coordenadas explicativas: É explicativa a oração coordenada que explica a razão do</p>		<p>Oração coordenada explicativa: “A segunda oração (...) dá uma explicação para o fato</p>

conteúdo da primeira” (p. 242).		apresentado na primeira” (p. 144).
---------------------------------	--	------------------------------------

Como se pode verificar através dos quadros acima expostos, para a Lisboa Editora “a distinção entre coordenação e subordinação obedece sobretudo a critérios sintáticos já que as orações subordinadas exercem funções sintáticas relativamente à subordinante o que não acontece no caso das coordenadas”. Posto isto, acrescenta ainda que “as orações coordenadas não têm geralmente a mobilidade que a maioria das orações subordinadas apresenta”. Para além disso, perante a noção de dependência e seguindo o critério morfológico, a definição das orações subordinadas deve ter em conta o critério semântico, pois elas subdividem-se em três tipos.

Embora tenhamos optado por não colocarmos aqui mais quadros, posto que poderia tornar-se uma tarefa algo fastidiosa, gostaríamos, contudo, de fazer dois ou três apontamentos a respeito das subordinativas. Na realidade, as orações subordinadas adverbiais surgem, na gramática da Plátano Editora, como frases subordinadas circunstanciais, ao passo que na Lisboa Editora, adita-se ainda a noção de finitas e não finitas. A Texto Editora reporta-se às orações infinitivas adverbiais, participiais e gerundivas, já a Plátano Editora circula em torno do conceito de frase: infinitiva, participial e gerundiva. Na verdade, muitos outros pormenores poderiam ser aditados, no entanto, daremos apenas mais um exemplo, também revelador da informação extra que a gramática da Lisboa Editora tem vindo a demonstrar. Reportamo-nos, neste caso, às orações subordinadas substantivas quer na Lisboa Editora são completadas pelas noções de finitas e não finitas. Finalmente, é ainda de mencionar tremenda divergência das designações que são dadas às diferentes orações completivas que vão desde orações completivas, completivas integrantes, completivas conjuncionais (ou integrantes), integrante a completiva finita.

Mais uma vez, depois de tudo quanto foi dito, fica clara, até pela mancha gráfica mais extensa no caso da Lisboa Editora, que se trata efetivamente de uma gramática que procura adaptar-se às necessidades dos alunos em questão, tentando explicar todos os detalhes, como verificámos neste ponto, ao mais ínfimo pormenor, mas, procurando sempre usar uma linguagem adequada, esquemas, sínteses e imagens apelativas auxiliares à inteligibilidade da mensagem.

2. O ensino da gramática em contexto sala de aula: proposta de uma aula de Língua Portuguesa

Depois do exposto, parece-nos que faz todo o sentido apresentarmos uma sugestão de uma aula que, entre outros aspetos, integra a exploração de um item gramatical. Devemos explicitar que, no nosso entendimento, a gramática, não pode, de modo algum, surgir desgarrada dos restantes assuntos trabalhados durante a respetiva aula. Assim, parece-nos óbvio que uma lição verdadeiramente completa, deve incluir os seguintes elementos: texto, exploração vocabular e questionário dirigido; passagem para a gramática, que deve ser feita

de uma forma subtil, estabelecendo um elo de ligação com o texto previamente estudado. Deste modo, e após a identificação do item gramatical em análise e da apresentação teórica do mesmo, completada com exemplificação adaptada aos alunos em questão, seguir-se-á um momento de aferição dos conceitos previamente tratados, mediante o preenchimento de fichas de trabalho. Finalmente, os discentes terão de redigir um pequeno texto, que por vezes poderá ser solicitado como trabalho de casa, naturalmente relacionado com a temática explorada durante a aula, aplicando os conteúdos gramaticais trabalhos. A proposta de atividade não deve consistir numa pergunta direta, mas deve, ao invés, procurar envolve-los, levá-los a entrar num outro mundo paralelo, digamos assim; isto com o intuito de estimularmos a imaginação e motivação dos alunos em questão. Esta é definitivamente a nossa perceção de uma aula de Língua completa, seja de Língua Portuguesa, seja de Língua Estrangeira, onde se incluem além da exploração textual, a exploração gramatical feita segundo o desejável modelo: teoria, prática e produção.

Posto isto, passamos, de imediato, a apresentar uma proposta de uma aula de Língua Portuguesa segundo este modelo.

Nível: 7º ano

Duração: 90 minutos

Objetivos:

- ❖ Ler expressivamente;
- ❖ Ampliar conhecimentos lexicais;
- ❖ Compreender o texto narrativo de Sophia de Mello Breyner “O cavaleiro da Dinamarca”;
- ❖ Recapitular a análise da frase do ponto de vista morfológico;
- ❖ Introdução da figura de retórica “anáfora”
- ❖ Desenvolver a competência escrita;

Materiais: PowerPoint, lápis ou esferográfica, caderno e livro “O cavaleiro da Dinamarca” de Sophia de Mello Breyner

Desenvolvimento:

A atividade que se propõe começará com a leitura da citação: *“Sempre a mesma festa, sempre a mesma ceia, sempre as grandes coroas de azevinho penduradas nas portas, sempre as mesmas histórias”*, do livro *O Cavaleiro da Dinamarca* de Sophia de Mello Breyner.

Posteriormente, os alunos leem uma passagem do livro *O Cavaleiro da Dinamarca* onde é descrita a noite de Natal do Cavaleiro. Analisam em conjunto o excerto, numa participação ordenada. Depois, os alunos vão respondendo gradualmente, numa participação ordenada às questões tais como: *“É no inverno que acontece a maior festa do ano - o Natal.*

Transcreve do texto expressões que descrevam esses preparativos e a forma como era vivida esta festa pela família do Cavaleiro” Os alunos vão registrando as respostas completas no caderno diário de forma a treinarem a expressão escrita, a coesão e a coerência frásica.

Continuamente, os discentes observam a seguinte frase projetada no PowerPoint: “No Natal, em casa do Cavaleiro comiam uma ementa variada, bebiam vinho e festejavam o Natal em família.” e analisam-na do ponto de vista morfológica.

Ficha de trabalho

1. Observa a seguinte figura:



- a. “A noite de Natal era igual todos os anos. Sempre a mesma festa, sempre a mesma ceia, sempre as grandes coroas de azevinho penduradas nas portas, sempre as mesmas histórias.” Achas que a noite de natal é sempre igual em todas as famílias? Após a observação da figura, como descreves as reações das pessoas que naquele momento estavam sentadas à mesa?

2. Lê a seguinte passagem do livro *O Cavaleiro da Dinamarca* onde é descrita a noite de Natal do Cavaleiro.

No entanto, a maior festa do ano, a maior alegria, era no Inverno, no centro do Inverno, na noite comprida e fria do Natal. Então havia sempre grande azáfama em casa do Cavaleiro. Juntava-se a família e vinham amigos e parentes, criados da casa e servos da floresta. E muitos dias antes já o cozinheiro amassava os bolos de mel e trigo, os criados varriam os



corredores, e as escadas e todas as coisas eram lavadas, enceradas e polidas. Em cima das portas eram penduradas grandes coroas de azevinho e tudo ficava enfeitado e brilhante. As crianças corriam agitadas de quarto em quarto, subiam e desciam a correr as escadas, faziam recados, ajudavam nos preparativos. Ou então ficavam caladas e, cismando, olhavam pelas janelas a floresta enorme e pensavam na história

maravilhosa dos três reis do Oriente que vinham a caminho do presépio de Belém.

Lá fora havia gelo, vento, neve. Mas em casa do Cavaleiro havia calor e luz, riso e alegria.

E na noite de Natal, em frente da enorme lareira, armava-se uma mesa muito comprida onde se sentavam o Cavaleiro, a sua mulher, os seus filhos, os seus parentes e os seus criados.

Os moços da cozinha traziam as grandes peças de carne assada e todos comiam, riam e bebiam vinho quente e cerveja com mel.

Terminada a ceia começava a narração das histórias. Um contava histórias de lobos e ursos, outro contava histórias de gnomos e anões. Uma mulher contava a lenda de Tristão e Isolda e um velho de barbas brancas contava a lenda de Alf, rei da Dinamarca, e de Sigurd. Mas as mais belas histórias eram as histórias do Natal, as histórias dos Reis Magos, dos pastores e dos Anjos.

A noite de Natal era igual todos os anos. Sempre a mesma festa, sempre a mesma ceia, sempre as grandes coroas de azevinho penduradas nas portas, sempre as mesmas histórias. Mas as coisas tantas vezes repetidas, e as histórias tantas vezes ouvidas pareciam cada ano mais belas e mais misteriosas.

Até que certo Natal aconteceu naquela casa uma coisa que ninguém esperava. Pois terminada a ceia o Cavaleiro voltou-se para a sua família, para os seus amigos e para os seus criados, e disse:

– Temos sempre festejado e celebrado juntos a noite de Natal. E esta festa tem sido para nós cheia de paz e alegria. Mas de hoje a um ano não estarei aqui.

Compreensão textual

1. É no inverno que acontece a maior festa do ano - o Natal. Transcreve do texto expressões que descrevam esses preparativos e a forma como era vivida esta festa pela família do Cavaleiro.

2. . No décimo parágrafo, a noite de Natal é descrita desta forma: “Sempre a mesma festa, sempre a mesma ceia, sempre as grandes coroas de azevinho (...) sempre as mesmas histórias”.

- 2.1 Identifica o vocábulo que contém a ideia de repetição, indicando a classe a que pertence.

3. Que nome podemos dar a essa figura de retórica, que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão no início de frases sucessivas ou de membros de uma frase?

4. *A noite de Natal é especial. Diz quem participa na ceia de Natal em casa do Cavaleiro.*

5. Atenta à frase: “*Pois terminada a ceia o Cavaleiro voltou-se para a sua família, para os seus amigos e para os seus criados*”. A que classe social pertence o Cavaleiro?

6. Observa as seguintes imagens:



Tal como as imagens indicam, “*Lá fora havia gelo, vento, neve. Mas em casa do Cavaleiro havia calor e luz, riso e alegria*”. Explica por palavras tuas o contraste estabelecido na citação anterior.

7. Aponta as reações que o anúncio da partida do Cavaleiro despertou. Retira uma marca textual.

8. O narrador é participante ou não participante?

9. Atenta à frase: *Partirei na próxima Primavera. De hoje a um ano estarei em Belém. Mas passado o Natal regressarei aqui e de hoje a dois anos estaremos, se Deus quiser,*

reunidos de novo. Diz em que tempo e modo estão os verbos sublinhados? Tipologia do verbo.

Funcionamento da língua

1. No Natal, em casa do Cavaleiro comiam uma ementa variada, bebiam vinho e festejavam o Natal em família. Quais os verbos presentes na frase? E em que tempo se encontram?

2. Preenche o quadro seguinte de acordo com a frase que leste no exercício anterior:

Verbos	1 ^a conjugação	2 ^a conjugação	3 ^a conjugação	Verbo Principal	Verbo auxiliar	Verbo transitivo direto	Verbo intransitivo indireto
Comer							
Beber							
Festejar							

3. Observa a seguinte imagem:



De acordo com o que afirmaste no início da aula, após a pergunta “*Achas que a noite de natal é sempre igual em todas as famílias?*”. Após a observação da imagem anterior, redige um texto de 80 a 100 palavras onde exponhas o que pensas do Natal e se ele é igual para todos.

Atenção, o teu texto deve conter pelo menos:

- ❖ Verbos das três conjugações
- ❖ Verbos transitivos diretos e indiretos

Capítulo II

O estágio pedagógico

1. A Escola Básica Grão Vasco

A elaboração deste Relatório Final tem por base as aulas implementadas ao longo do segundo ano do curso de Mestrado em Ensino do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário. Facto é de referir que estas experiências de ensino foram possíveis graças à boa vontade das direções das escolas, que colocaram as suas turmas à disposição, e à colaboração dos professores cooperantes/orientadores que se mostraram disponíveis para acompanhar e orientar este percurso de aprendizagem, que são estas aulas supervisionadas.

De acordo com a especificidade da Prática de Ensino Supervisionada deste mestrado, que prevê a lecionação das disciplinas de Português e de Espanhol, durante o período de um ano letivo em cada disciplina, tivemos a oportunidade de implementar as aulas na Escola Básica Grão Vasco em Viseu. Tendo em consideração que este Relatório Final foca a preocupação com a motivação dos alunos na aprendizagem de língua materna e língua estrangeira, é importante referir que a escola possui instalações modernas e agradáveis devidamente equipadas que permite implementar aulas dinâmicas, com atividades variadas que foram ao encontro dos gostos e interesses dos alunos. Uma vez que existe a consciência de que, atualmente, os alunos revelam um crescente interesse nos jogos de computador e na internet, aos quais têm acesso fácil e rápido em suas casas, fazer uso destes recursos não se tratou apenas da aplicação de estratégias de motivação, pretendeu-se cumprir também o princípio da escola tecnológica, que investe numa inovação educativa capaz de promover um ensino com qualidade e orientar os seus alunos numa aprendizagem autónoma, facilitando e incentivando o seu envolvimento no seu processo de aprendizagem.

No que diz respeito ao contexto Educativo: Caracterização do Agrupamento e Diagnóstico, como enquadramento geral, o município de Viseu situa-se entre as Serras do Caramulo e da Estrela, onde predomina o setor terciário, embora se denote muita mão-de-obra no setor primário. As vias de comunicação terrestre têm desempenhado um papel bastante importante no desenvolvimento económico e social da cidade, bem como de toda a região. Viseu está localiza-se no centro de duas importantes vias terrestres, no cruzamento entre o IP3/A24 que liga as cidades da Figueira da Foz e de Chaves e a A25 que liga a cidade de Aveiro à vila de Vilar Formoso. Assim, é neste contexto que se localiza o Agrupamento de Escolas Grão Vasco que está situado na sede do concelho, abrangendo três freguesias urbanas da cidade, a saber: S. José, Stª Maria e Coração de Jesus.

O meio social envolvente é formado por famílias que sobrevivem do pequeno comércio, famílias da classe média alta, por algumas famílias que vivem da pequena agricultura, um grupo de etnia cigana que faz do comércio (feira) a sua fonte de rendimento e subsistência e ainda um grupo de famílias de imigrantes cujos descendentes frequentam as escolas do agrupamento, o que leva a que exista no agrupamento uma variedade de 6 culturas e línguas maternas diferenciadas para as quais é necessário dar resposta. Verificam-se, ainda, nas zonas envolventes das escolas do Agrupamento, algumas carências económicas, recebendo, por isso, algumas das famílias o rendimento inserção social.

Na área envolvente das escolas do Agrupamento localizam-se algumas instituições sociais de apoio à família e as crianças abandonadas como são os casos do Internato da Santa Teresinha, Lar - Escola de Santo António e Centro Social D. José da Cruz Moreira Pinto. Daqui resulta que uma grande parte dos estudantes, que estudam nos estabelecimentos de ensino do Agrupamento, vêm dessas mesmas instituições. Este contexto reflete-se no Agrupamento, onde encontramos crianças que para além de dificuldades socioeconómicas, são oriundas de famílias desajustadas, com carências afetivas, desacompanhadas, refletindo-se no seu nível de aprendizagem.

Quanto ao enquadramento educativo, o Agrupamento de Escolas Grão Vasco foi criado no final do ano letivo 2002/2003 e homologado por Despacho do Secretário de Estado da Administração Educativa, de 5 de julho de 2003. Este agrupamento é constituído pelas escolas: EB 2, 3 Grão Vasco, EB1 Viseu n.º1 - Ribeira, EB1; Viseu n.º 2 - Avenida, EB1 Viseu n.º 5 - S. Miguel e EB1 Viseu n.º 7 - Santiago e pelos Jardins de Infância Viseu n.º1 - Ribeira e Santiago, tendo como escola sede a EB 2,3 Grão Vasco, num total de 2 Jardins de Infância, 4 Escolas Básicas do 1º Ciclo e 1 Escola Básica do 2º e 3º Ciclo.

2. A Caracterização das turmas

A Prática de Ensino Supervisionada iniciou-se a 1 de setembro de 2011 com a prática de ensino do Espanhol e Língua Portuguesa no 3.º Ciclo. As aulas foram implementadas nas turmas J e H, sendo as duas turmas corresponde ao 7.º ano de escolaridade de ensino.

A professora cooperante da disciplina de Espanhol, Ana Piedade Guerreiro M. Elias Pinheiro, colocou à disposição a turma do 7.º J. Esta turma inicialmente era constituída por 24 alunos, no meio do ano, duas alunas foram transferidas, restando assim 22 alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos de idade. Destes alunos, 11 eram do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Estes alunos mostraram preferência pelas disciplinas de Educação Musical e Educação Física e revelaram maiores dificuldades em Inglês e Matemática, como se pode verificar nas seguintes tabelas. Há que salientar que nas disciplinas de Formação Cívica, Espanhol e Físico Química, os alunos não as contemplaram como sendo favoritas. A razão mais plausível para esta justificação das disciplinas de Espanhol e Físico Química, deve-se, provavelmente ao facto de nunca as terem frequentado.

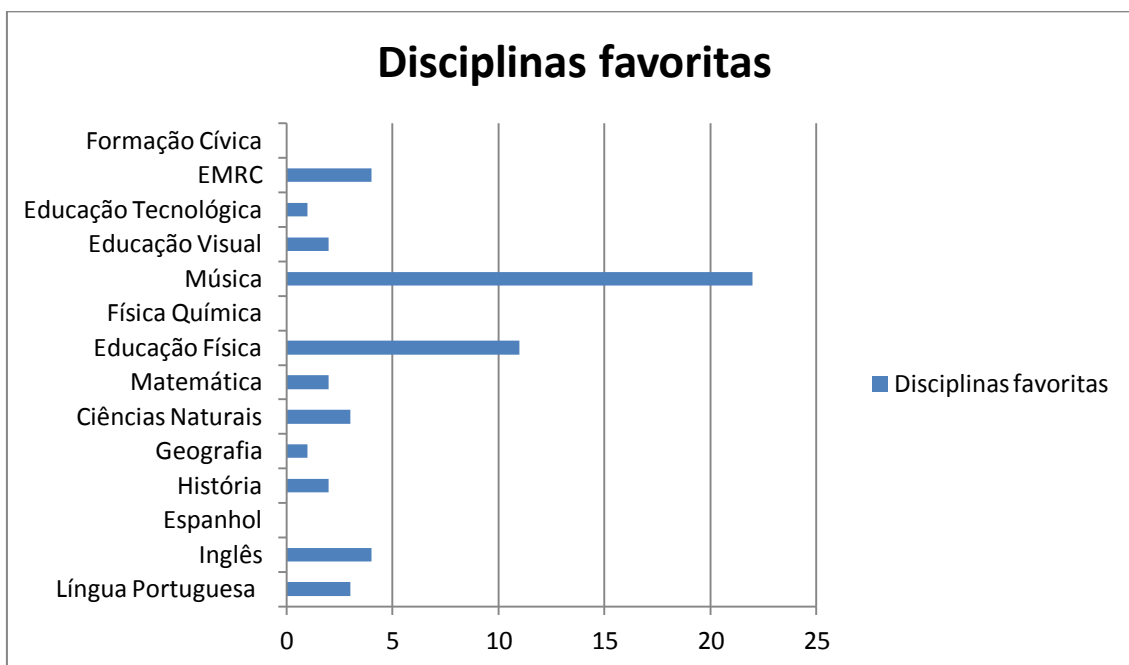


Gráfico 1: Disciplinas favoritas no 7º J.

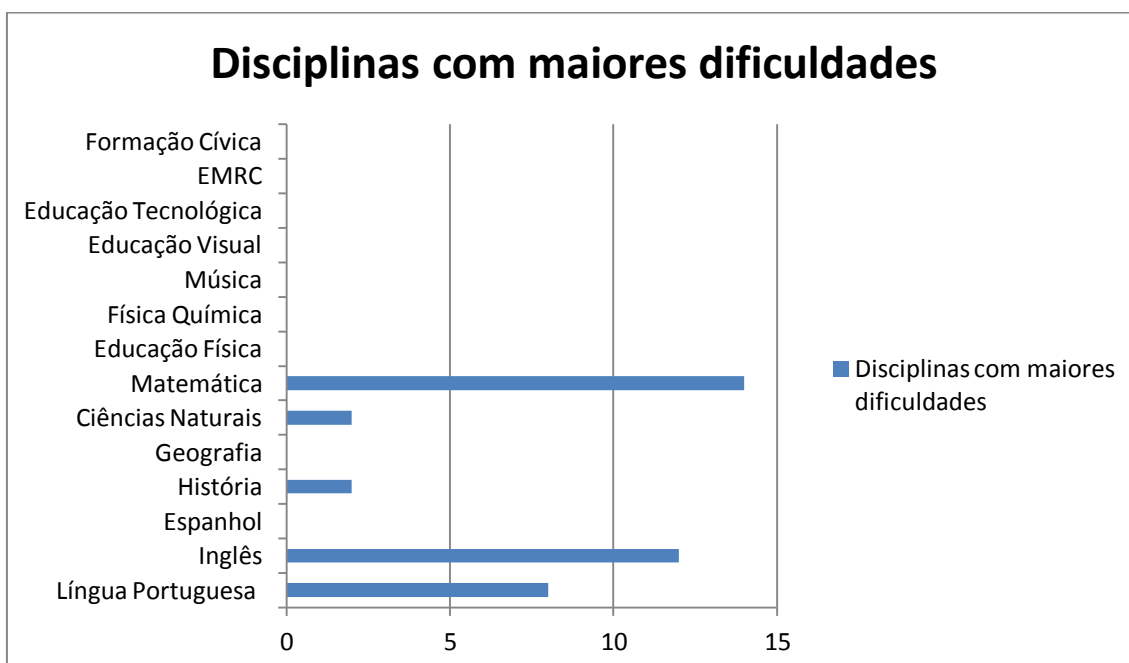


Gráfico 2: Disciplinas com maiores dificuldades no 7.º J.

De acordo com o Programa Espanhol como língua estrangeira do 3º ciclo, a carga horária respetiva corresponde a um bloco semanal de 90 minutos e outro bloco de 45 minutos, que nesta turma tinham lugar à segunda-feira às 15h15 e à quarta-feira às 8h20,

respetivamente. Assim sendo, a primeira aula tratou-se de uma aula de observação do *modus operandi* da orientadora, tendo servido para perceber as características da turma e os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. No total foram lecionadas vinte e quatro aulas a Espanhol como língua estrangeira.

No que diz respeito à prática de ensino de Língua Portuguesa no 3º ciclo, com a orientação da professora cooperante Maria Nazaré Conceição Andrade foi-nos destinada a turma do 7.º H. esta turma era constituída por 27 alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Desses 27 alunos, 11 eram do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Estes alunos mostraram preferência pelas disciplinas de História e Educação Física e revelaram maiores dificuldades em Inglês e Matemática, como se pode verificar nas tabelas.

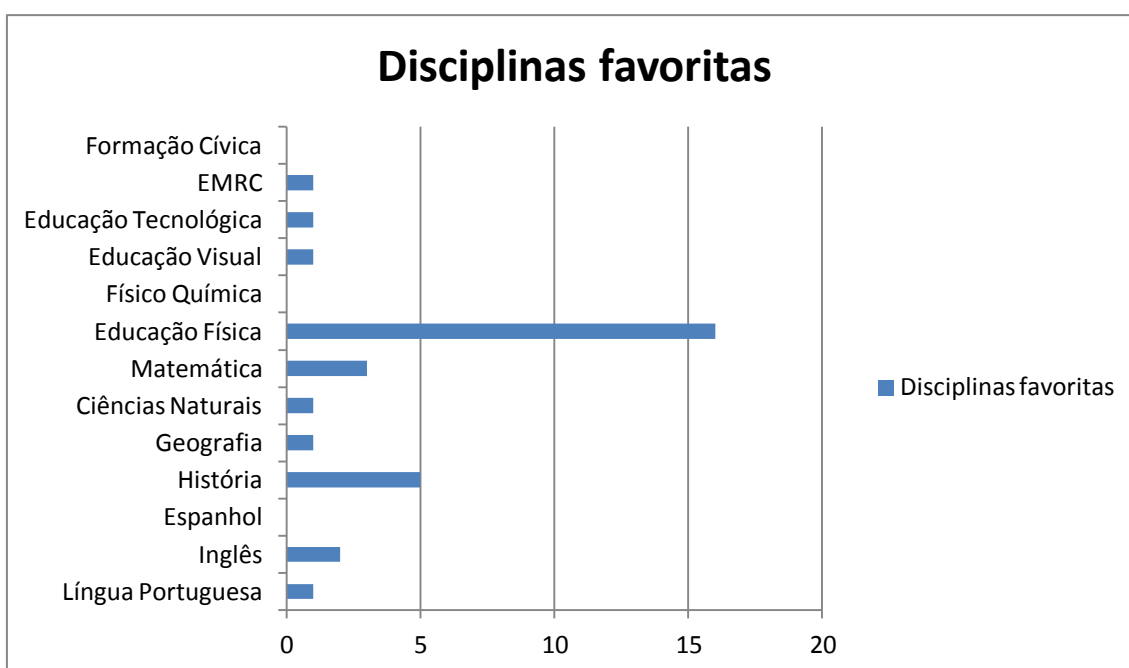


Gráfico 3: Disciplinas favoritas no 7º H.

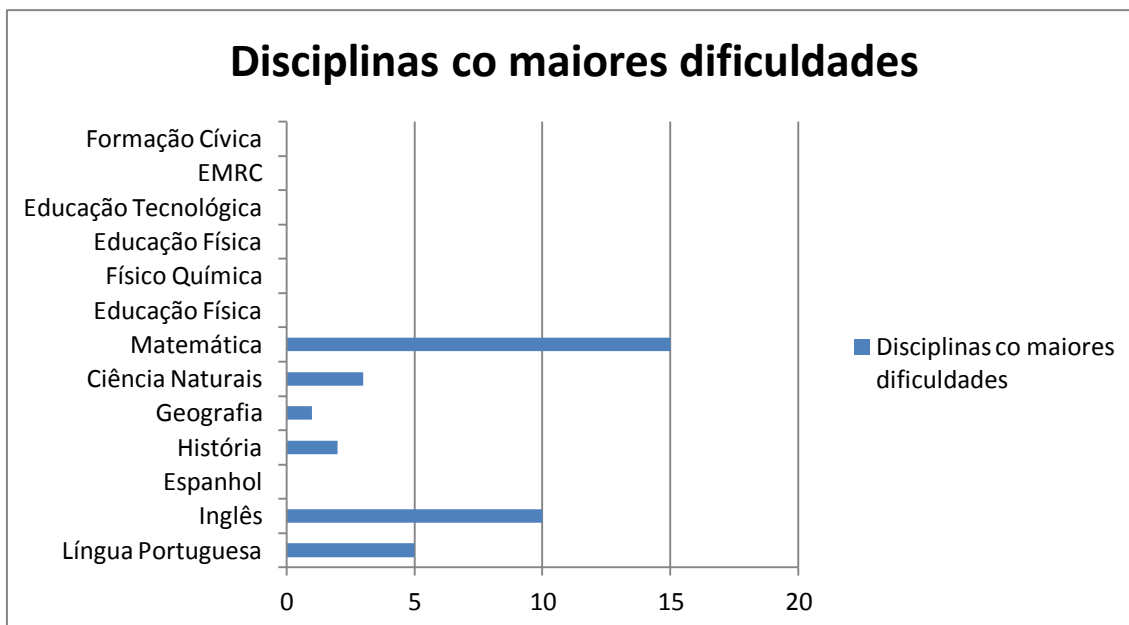


Gráfico 4: Disciplinas com maiores dificuldades no 7.º H.

De acordo com o Programa de Língua Portuguesa do 3º ciclo, a carga horária respetiva corresponde a três blocos semanais de 90 minutos, que nesta turma tinham lugar à segunda-feira às 15h15, à terça-feira às 10h15, à quarta-feira às 12h40 e à quinta-feira às 11h55. Assim sendo, a primeira aula tratou-se de uma aula de observação do *modus operandi* da orientadora, tendo servido para perceber as características da turma e os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

No total foram lecionadas o total de dezoito aulas de Língua Portuguesa, no decorrer do ano letivo, com início a 3 de Novembro de 2011, tomando em consideração as inferências recolhidas da aula observada.

3. Reflexões em torno de algumas aulas assistidas: planificações e respetivos materiais

A primeira aula realizou-se no dia três de novembro de 2011. Após a entrada em sala de aula e posteriormente aos cumprimentos iniciais, inicia-se a aula com a abertura da lição. A primeira aula de Língua portuguesa teve como finalidade o estudo do texto narrativo “*Regresso às aulas*” de Alice Vieira, o nome próprio e nome comum contável ou não contável. O início da aula teve como motivação a observação de imagens de uma escola antiga e de outra escola moderna (figura 20). Os alunos foram levados a refletir sobre o que mudou ao longo dos tempos, dando concomitantemente a sua opinião de uma forma organizada. Após a observação das imagens, notou-se o entusiasmo dos alunos quanto ao tema que a aula iria desenvolver. Posteriormente, os alunos abrem o manual da disciplina na página 54 e identificam com a professora o título e o conteúdo do texto “*Regresso às aulas*” de Alice

Vieira (figura 21). Numa perspetiva de cativar os alunos, o texto “*Regresso às aulas*” será ouvido do CD. Após a primeira perceção do trabalho, os alunos vêm e respondem às perguntas que estão no *PowerPoint* sobre o texto, como por exemplo: “*A avó Luísa pensa que os tempos de hoje são iguais ou diferentes aos da sua infância? Justifique e retire uma marca textual*” e “*A avó Luísa pensa que os tempos de hoje são iguais ou diferentes aos da sua infância? Justifique e retire uma marca textual*” (Figura 22), numa participação ordenada. Os alunos aderiram ao exercício proposto em aula e responderam corretamente às perguntas. Após a leitura das respostas, as mesmas foram escritas no quadro.

Depois da leitura e compreensão do texto, os alunos exploram a narrativa de uma forma organizada, onde a adesão dos alunos ao exercício surtiu efeito. Seguiu-se posteriormente à exploração conjunta do texto, os alunos responderam às perguntas de interpretação do texto da página 55 e 56 do manual. Mais uma vez houve uma boa adesão ao exercício, havendo na sala de aula um bom comportamento, tal como se veio a verificar ao longo da aula.

No que diz respeito ao CEL em sala de aula, foi abordado o tema do nome próprio e do nome comum contável e não-contável. Os alunos observaram um *PowerPoint* (figura 23) onde constava a exploração do CEL e no final da exploração do mesmo, foram feitos exercícios práticos. Posteriormente, os alunos fizeram os exercícios que constam no manual sobre a classe do nome da página 56 e 57 do manual. No final da aula, e como consolidação dos conteúdos abordados, os alunos levaram para casa a tarefa de escrever uma composição acerca da sua perspetiva de futuro, para aperfeiçoamento da escrita. Ao longo da aula, é de notar que os alunos aderiram com grande entusiasmo aos exercícios propostos, mantendo um bom comportamento dentro da sala.

No segundo período do ano letivo, a 15 de fevereiro de 2012, realizou-se a sétima aula de Língua Portuguesa no 7º H. Após a entrada, mais uma vez, da professora estagiária em sala de aula, saudou os alunos e deu-se início à aula, registando no quadro o sumário da aula anterior e a abertura da lição do próprio dia. De seguida, os alunos abriram a obra que estavam a estudar “*História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar*” de Luís de Sepúlveda, e leram o terceiro capítulo em conjunto (figura 24). De seguida, é entregue aos aprendizes uma sequência narrativa que tiveram de ordenar, com frases retiradas da obra em questão, tais como: *Numa desesperada tentativa de recuperar a altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias*. Seguidamente, os discentes corrigiram em conjunto, mais uma vez, a sequência narrativa (figura 25). Após a correção da narrativa, os alunos viram e responderam às perguntas presentes no *PowerPoint* onde tiveram que indicar as classes de palavras/morfológicas que predominam na descrição seguinte: *Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra* (figura 26). Para consolidação dos conteúdos abordados, os alunos levaram como

trabalho de casa a seguinte atividade: escrever uma composição acerca de uma perspectiva da sua perspectiva de poluição ambiental.

Durante a aula, os discentes aderiram com grande empenho e entusiasmo aos exercícios propostos com um comportamento adequado e favorável para a turma, havendo, por isso, uma aprendizagem contínua em relação à matéria que estava a ser estudada.

A segunda aula do terceiro período teve como matéria lecionada o texto poético. Após a entrada dos alunos, a professora saudou-os e registou o número da lição e a data no quadro. Como motivação, os alunos visualizam um excerto do musical “*The cats*” (cerca de 2m 30 segundos). Seguidamente, foram colocadas algumas questões em contextualização do vídeo que aborda a temática dos gatos. Em seguida, os alunos leram em voz baixa o poema “*Os gatos*” de Ary dos Santos da página do manual 184 e 185 (figura 27). Posteriormente procedeu-se à resolução de uma ficha de trabalho para a compreensão da mensagem do sujeito poético, pelo que responderam a perguntas do tipo (figura 28):

1. *Na primeira estrofe, o como é que o sujeito poético caracteriza os gatos? Responde retirando uma marca textual.*
2. Explica o sentido dos seguintes versos:
*“e a gata persa com esmeraldas na mirada
nunca ligava ao carapau nem à poesia*
3. *“Na última estrofe, o sujeito poético reafirma o seu gosto pelos gatos em geral. Que tipo de gatos? Como são caracterizados?”.*

Sequencialmente, as perguntas foram lidas e corrigidas em conjunto. Posteriormente, os alunos fizeram exercícios de gramática sobre as funções sintáticas das frases da página 185 do manual.

6. *Indica a função sintática do constituinte sublinhado em cada uma das frases seguintes.*

a) Vi um gato na sacada do meu prédio.

B) O gato amava uma gata persa.

C) A gata persa não prestava atenção ao gato

d) Gosto do gato.

Assim sendo, os alunos aderiram favoravelmente às atividades propostas, com um comportamento exemplar, na qual estiveram, na maior parte do tempo, sempre atenta e com vontade em aprender.

Relativamente à disciplina de Espanhol, iniciamos na turma J, do 7º ano, onde coube a unidade “*Mi casa*”. Esta aula, que tinha como conceito a introdução da aprendizagem das cores em consonância com a unidade da casa, foi introduzida por uma imagem a preto e branco e posteriormente a mesma casa com as respetivas cores (figura 29). Deste modo, os alunos verificaram que para além das partes da casa e dos móveis nela inseridos, que são

necessárias as cores para poder descrever a casa. Seguidamente, os alunos ouviram uma canção “Todas las cosas tienen su color” do grupo Los Caños. Após a audição da canção, os alunos preencheram os espaços em branco que a professora lhes tinha entregado com a canção que acabaram de escutar (figura 30). A adesão dos alunos ao exercício foi favorável, pois, tratando-se de uma turma que tem como opção a disciplina de Educação Musical, gostaram do exercício e resolveram-no com facilidade. Na continuação da aula, os alunos abrem o livro na página 19 e ouvem a audição do exercício nove que é uma culminar das cores com os móveis que estão presentes na casa (figura 31). Após a audição, os alunos corrigiram o exercício com a ajuda da professora. Posteriormente, os alunos fizeram o exercício 10 da mesma página em questão, para que pudessem consolidar os conhecimentos apreendidos. A seguir, foi feita a correção do exercício numa participação ordenada. Para terminar a aula, os alunos abrem o livro de exercícios na página 15 e fazem o exercício 8 como forma de introduzir os conteúdos gramaticais da formação do singular e do plural (figura 32).

No segundo período, coube lecionar uma aula sobre a roupa. Num primeiro momento, fez-se o registo do sumário da aula anterior no quadro, depois um aluno abriu a lição da aula no quadro. De seguida, os alunos ouviram uma canção com vocabulário sobre a roupa “¿Qué me pongo?” de Mango Puch (figura 33). Posteriormente, os alunos observam um *PowerPoint* com uma montra de uma loja de roupa e para consolidação do vocabulário, os alunos copiam para o caderno os nomes de cada peça de roupa que está no *PowerPoint* (figura 34). Os alunos revelaram sempre grande entusiasmo na aprendizagem do novo vocabulário, pois trata-se de um tema, onde os alunos podem utilizar no dia-a-dia. Seguidamente, os alunos leram, em voz alta, os textos “Francisco y Mafalda” (figura 35). Depois, os alunos responderam às perguntas do texto. Como conteúdo gramatical, surgiu a questão de como dizemos em espanhol “vestir”, então, para haver uma boa utilização do verbo, foi introduzida a conjugação desse mesmo verbo. Continuamente, para haver uma consolidação do vocabulário da roupa, os alunos leram em voz alta um diálogo que foi passado numa loja e tiveram que o ordenar (figura 36). Posteriormente, os alunos lembraram-se dos “Adjetivos demostrativos” já aprendidos em aulas anteriores e completaram um texto com os demonstrativos e a roupa. Ainda na parte da gramática, os alunos recordaram também a conjugação do verbo “gustar” e fizeram um exercício que falava sobre o que eles gostam ou não de vestir (figura 37). Para finalizar a aula, os alunos construíram frases com o verbo “gustar”, juntamente com o vocabulário então apreendido da roupa.

Finalizámos a nossa prática pedagógica, na disciplina de espanhol, no 7.º J com a unidade didática “Los Oficios”. A aula iniciou-se com o registo do sumário da aula anterior no quadro e com a abertura da lição também no quadro por um aluno. O primeiro momento da aula fez-se com uma canção que abordava a temática de “Los Oficios” (anexo 21). Após a motivação da aula, os alunos leram o texto “Los Oficios” e responderam às perguntas do mesmo (anexo 22). Para consolidação do vocabulário, os alunos fizeram exercícios onde ligam as imagens com os nomes de cada profissão que estava desenhada na ficha de exercícios (figura 23). Posteriormente, os alunos responderam à pergunta *¿qué quieres ser de*

mayor? e assim, começam a utilizar verbos conjugados no futuro. Posteriormente, a estagiária escreve no quadro como se conjuga o futuro e os alunos copiam para os cadernos diários. Finalmente, os alunos fazem exercícios de uma ficha de trabalho com verbos a ser conjugados no futuro (figura 38).

Acreditamos que todas as metodologias utilizadas foram pertinentes, uma vez que os alunos mostraram-se sempre empenhados com a dinâmica das aulas, na qual participaram com grande entusiasmo em todas as atividades propostas. No entanto, é de referir que a aquisição dos conteúdos é deveras importante, e quanto a isso, pode afirmar-se que houve aprendizagem.

De referir a importância que, no final de cada aula lecionada, quer com a orientadora da disciplina de Língua Portuguesa, quer com a orientadora de Espanhol, reuníamos sempre na sala de professores para se proceder às críticas. De facto havia uma hierarquia que foi implementada quanto ao comentário de cada aula: a primeira pessoa que sempre teve a palavra foi o estagiário que tinha lecionado, posteriormente, o colega de estágio, e a professora orientadora tinha a palavra no final. Quando a professora orientadora da universidade vinha assistir as aulas, ela tinha a última palavra a dar sobre a aula lecionada. Nas críticas, os professores e o colega apontavam os pontos bons e o que se poderia melhorar numa futura aula, sempre com o intuito de fazer os estagiários refletirem e melhorarem as suas competências. Assim, foi com estas críticas que os estagiários cresceram como futuros docentes.

Posto isto, e dada a natureza deste trabalho científico, pareceu-nos importante apresentar, de seguida, as planificações e respetivos materiais das aulas assistidas referentes às reflexões anteriormente produzidas. Atentemos, então, nos mencionados documentos pedagógicos.

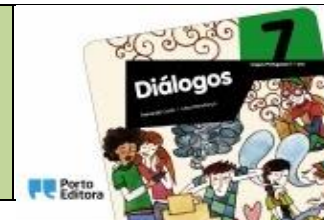


Tabela 4: Planificação da primeira aula comentada

Lição nº40		Sumário : Leitura e compreensão global do texto: “ <i>Regresso às aulas</i> ” de Alice Vieira (Página 54 e 55)				
Professora:		Vera de Andrade Lopes				
Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Desenvolvimento da aula / Operacionalização	Materiais / Recursos	Avaliação	Tempo
Praticar a compreensão da leitura	- Pretende-se a produção de opinião oral em diferentes tipos. As opiniões são adaptadas às situações e finalidades de comunicação: descrever; explicar e fazer apreciações críticas.	O texto Narrativo	A professora entra na sala, saúda os alunos e inicia a aula com a abertura da lição. Para motivação da aula, os alunos observam imagens de uma escola antiga e de outra escola moderna. Os alunos são levados a refletir sobre o que mudou ao longo dos tempos. (Anexo 1) Em seguida, os alunos abrem o manual da disciplina na página 54 e identificam com a professora o título e o conteúdo do texto “ <i>Regresso às aulas</i> ” de Alice Vieira. De seguida, os alunos vão ouvir o texto “ <i>Regresso às aulas</i> ” do CD. Posteriormente, os alunos veem e respondem às	Quadro e cadernos dos alunos PowerPoint imagens com Livro página 54 CD com a audição do texto “ <i>Regresso às aulas</i> ”	Participação ordenada Observação direta Responsabilidade Concentração Atenção	5 minutos 7 minutos 6 minutos 5 minutos
Praticar a expressão oral	- Interpretar o texto					

<p>Compreensão global das ideias fundamentais do texto. Praticar a expressão escrita.</p>	<p>- Comentar excertos do texto com diferentes graus de complexidade, articulando os sentidos com a sua finalidade, os conteúdos e a intenção do autor: -identificar temas e ideias principais; -explicitar o sentido global do texto.</p>	<p>Categorias da narrativa</p>	<p>perguntas que estão no <i>PowerPoint</i> sobre o texto, como por exemplo: “<i>A avó Luísa pensa que os tempos de hoje são iguais ou diferentes aos da sua infância? Justifique e retire uma marca textual</i>” e “<i>A avó Luísa pensa que os tempos de hoje são iguais ou diferentes aos da sua infância? Justifique e retire uma marca textual</i>”, numa participação ordenada. (Anexo2)</p>	<p><i>PowerPoint</i> com perguntas sobre o texto: “<i>Regresso às aulas</i>”</p>	<p>Autonomia Participação ordenada</p>	<p>10 minutos</p>
			<p>Depois da leitura e compreensão do texto, os alunos exploram a narrativa.</p>	<p>Livro página 54</p>	<p>Responsabilidade e autonomia</p>	<p>8 minutos</p>
			<p>Após a exploração conjunta do texto, os alunos respondem às perguntas de interpretação do texto da página 55 e 56 do manual.</p> <p><u>Para consolidação dos conteúdos abordados, os alunos deverão em casa fazer a atividade:</u> Escrever uma composição acerca de uma perspetiva da sua perspetiva de futuro, para aperfeiçoamento da escrita.</p>	<p>Livro página 55 e 56</p>		<p>15 minutos</p>

O regresso às aulas

– No meu tempo – diz a avó Luísa – as aulas no liceu começavam no dia um de outubro.

– Agora já não há liceus, avó.

[...]

– Hoje é tudo muito diferente. Às vezes ponho-me a pensar o que é que vocês irão recordar quando tiverem a minha idade.

– Eu nunca...

“Eu nunca hei de ter a tua idade”, ia dizer Madalena, mas arrepende-se. A avó não ia perceber.

Madalena tem a certeza, a certeza absoluta, de que vai ser sempre muito nova, sem rugas, sem cabelos brancos, sem comprimidos ao almoço e ao jantar, sem o andar arrastado apoiado à bengala.

Madalena tem a certeza, a certeza absoluta, de que vai ser muito feliz e há de viver para sempre.

E é claro que vai ter muitas coisas para contar aos netos: os olhos verdes de Tiago que, só à sua conta, lhe desenhou dez corações na mochila, “TIAGO LOVE MADALENA”, a professora de Inglês até disse que a frase estava mal escrita e que era uma vergonha, que nem para escreverem uma declaração de amor eles se esforçavam um bocadinho, mas Madalena não se importou, o que contava era a intenção e não a gramática [...].

A avó escusa de se preocupar. Assunto para recordar com os seus netos, quando eles um dia aparecerem, não vai faltar.

Agora é a vez de Madalena suspirar. Mais alguns dias, e tudo recomeça – as correrias, o despertador que nunca toca, o leite a escaldar engolido à pressa, a mãe a barafustar “mas quando é que vocês tomam um pequeno-almoço como deve ser?”, a mochila a pesar toneladas de tanto livro e tanto dossier.

Será que o Tiago vai ficar outra vez na sua turma?

[...]

– No meu tempo – continua a avó Luísa –, as férias eram enormes.

– As férias nunca são enormes, avó. As férias são sempre pequenas, muito pequeninas, minúsculas, avó! – diz Madalena.



Figura 20: Texto “Regresso às aulas” de Alice Vieira

[...]

30 É então que o telefone toca. Um som estridente, que a faz levantar de repente e atendê-lo de seguida, engrenando numa conversa de monossílabos e risadas.

– Quem é? – pergunta a avó Luísa.

Madalena nem a ouve. *classe e sulcose*

35 “Algum amigo, pela certa”, pensa a avó Luísa.

A avó Luísa nunca teve amigos porque no seu tempo os meninos iam para um liceu e as meninas para outro, e era muito feio as raparigas andarem sozinhas na rua com os rapazes. Por isso a velha Aldina ia todos os dias buscá-la à porta do liceu. A mãe queria-a bem vigiada, porque assim é que devia ser. *porque era a mãe? substituiu a mãe?*

40 A avó Luísa nunca saiu à rua sozinha. Primeiro, porque o pai não deixava. Depois, porque o marido não deixava. Agora, porque já não seria capaz. *porque o pai não deixava? não deixava da vida?*

Quando chega setembro e Madalena se prepara para voltar à escola, a avó Luísa lembra-se sempre destas coisas todas. Ajeita melhor os óculos, pega no tricô, deixa cair algumas malhas. *as que roisam? porque disto... não vê bem?*

45 – Estou velha... – murmura. *significado*

Quando tinha a idade de Madalena, a avó Luísa pensava que seria sempre nova, sem rugas, sem cabelos brancos, sem comprimidos ao almoço e ao jantar, sem o andar arrastado apoiado à bengala. E que havia de ser muito feliz e

50 viver para sempre.

Ao telefone, Madalena dá nova gargalhada.

– Tás parvo, Tiago! – rodopia, deixa-se cair no sofá, e acaba por desligar.

– Afinal tinhas razão, sabes? – diz baixinho, ao ouvido da avó. – As férias são enoooooooooormes! Cá por mim, as aulas bem podiam começar já amanhã. *são enormes ao João*

Alice Vieira, “O regresso às aulas”, in *Trisavó de Pistola à Cinta*, Caminho, 2001 (texto com supressões)

No tempo dele - seria mais!

Leitura

1. Em que altura do ano ocorre este diálogo entre avó e neta?
2. A avó Luísa afirma: “- Hoje é tudo muito diferente.” (linha 4)
 - 2.1. Indica algumas das diferenças entre o “tempo” da avó e o “tempo” de Madalena.
 3. Há um aspeto, no entanto, em que Madalena e a avó estão de acordo: o tempo de duração das férias. Relê a opinião inicial de Madalena sobre o assunto:

“- [...] As férias são sempre pequenas, muito pequeninas, minúsculas, avó!” (linhas 28-29)

 - 3.1. Como reforça Madalena a sua opinião sobre o tamanho das férias?

Figura 21: Texto “Regresso às aulas” de Alice Vieira



Figura 22: PowerPoint realizado no da aula assistida número um contrapondo imagens da escola antiga e da escola moderna.

1. A avó Luísa pensa que os tempos de hoje são iguais ou diferentes aos da sua infância? Justifique e retire uma marca textual.

2. Madalena acha que a sua juventude vai perdurar para sempre? Refere as razões que te levam a essa conclusão.

3. Madalena escreve uma declaração de amor a Tiago. Achas que a afirmação é verdadeira? Explica porquê?

4. O telefone toca, é a avó Luísa que vai atender e fala com um amigo da sua infância? Identifica as razões expressas no texto.

5. A avó Luísa não gosta de falar sobre o seu tempo de infância, acha-o enfadonho e não o quer recordar?

Na minha infância... Agora...

Figura 23: Perguntas dirigidas aos discentes após a leitura do texto “Regresso às aulas”



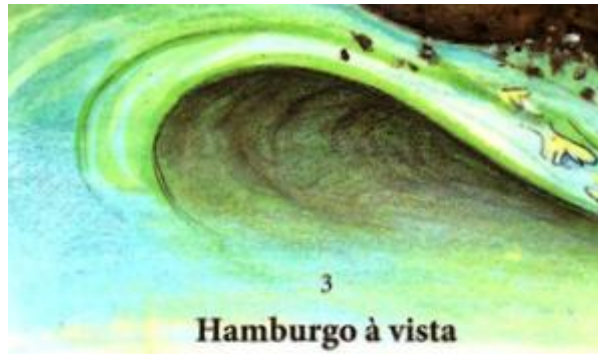
Figura 24: CEL; nome contável e não-contável



Tabela 5: Planificação da segunda aula comentada

Lição nº70		Sumário :		Leitura e análise do excerto da obra: <i>História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar</i> Tipos e formas de frase. Exercícios de aplicação		
Professora:		Vera de Andrade Lopes				
Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Desenvolvimento da aula / Operacionalização	Materiais / Recursos	Avaliação	Tempo
Praticar a compreensão da leitura	- Pretende-se a produção de opinião oral em diferentes tipos. As opiniões são adaptadas às situações e finalidades de comunicação: descrever; explicar e fazer apreciações críticas.	O texto Narrativo	A professora entra na sala, saúda os alunos e inicia a aula com a abertura da lição. Os alunos abrem a obra que estão a estudar “ <i>História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar</i> ” de Luís de Spúlveda, e leem o terceiro capítulo em conjunto. De seguida, é entregue aos aprendizes uma sequência narrativa que terão de ordenar. Com frases retiradas da obra em questão, tais como: <i>Numa desesperada tentativa de recuperar a altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias</i>	Quadro e cadernos dos alunos Obra <i>História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar</i> Ficha com a sequência narrativa	Responsabilidade Concentração Atenção Autonomia Participação ordenada	5 minutos 6 minutos 10 minutos
Praticar a expressão	- Interpretar o					

<p>oral</p> <p>Compreensão global das ideias fundamentais do texto. Praticar a expressão escrita.</p>	<p>texto</p> <p>- Comentar excertos do texto com diferentes graus de complexidade, articulando os sentidos com a sua finalidade, os conteúdos e a intenção do autor: -identificar temas e ideias principais; -explicitar o sentido global do texto.</p>	<p>Categorias da narrativa</p>	<p>Seguidamente, os discentes irão corrigir em conjunto a sequência narrativa.</p> <p>Posteriormente, os alunos veem e respondem às perguntas que estão no <i>PowerPoint</i> onde têm de indicar quais as classes de palavras/morfológicas que predominam na descrição seguinte: <i>Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra.</i></p> <p><u>Para consolidação dos conteúdos abordados, os alunos deverão em casa fazer a atividade:</u> Escrever uma composição acerca de uma perspetiva da sua perspetiva de poluição ambiental.</p>	<p>PowerPoint com a narrativa</p>	<p>Responsabilidade e autonomia</p>	<p>15 minutos</p> <p>9 minutos</p>
---	---	--------------------------------	--	-----------------------------------	-------------------------------------	------------------------------------

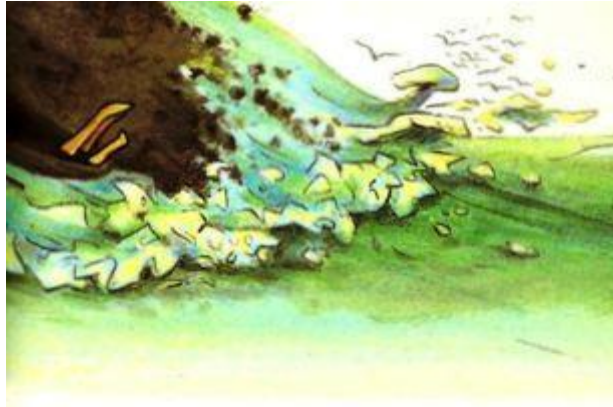


Kengah estendeu as asas para levantar voo, mas a espessa onda foi mais rápida e cobriu-a inteiramente. Quando veio ao de cima, a luz do dia havia desaparecido e, depois de sacudir a cabeça energicamente, compreendeu que a maldição dos mares lhe obscurecia a visão.

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça, até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra.

Com todos os músculos contraídos pelo esforço, chegou por fim ao limite da mancha de petróleo e ao fresco contacto com a água limpa. Quando, de tanto

Figura 25: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.”



pestanejar e mergulhar a cabeça, conseguiu limpar os olhos, olhou para o céu e não viu mais que algumas nuvens que se interpunham entre o mar e a imensidade da abóbada celeste. As suas companheiras do bando do Farol da Areia Vermelha já voariam longe, muito longe.

Era a lei. Também ela viu outras gaivotas surpreendidas pelas mortíferas marés negras e, apesar da vontade de descer para lhes oferecer um auxílio tão inútil como impossível, afastara-se, respeitando a lei que proíbe presenciar a morte das companheiras.

De asas imobilizadas, coladas ao corpo, as gaivotas eram presas fáceis para os grandes peixes, morriam lentamente, asfixiadas pelo petróleo que, metendo-se entre as penas, lhes tapava todos os poros.

Figura 26: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.”

Era essa a sorte que a esperava, e desejou desaparecer depressa entre as fauces de um grande peixe.

A mancha negra. A peste negra. Enquanto esperava o fatal desenlace, Kengah amaldiçoou os humanos.

– Mas não todos. Nada de injustiças – grasnou ela debilmente.

Muitas vezes vira lá do alto como certos grandes barcos petroleiros aproveitavam os dias de neblina costeira para se afastar pelo mar dentro para lavar os tanques. Atiravam ao mar milhares de litros de uma substância espessa e pestilenta que era arrastada pelas ondas. Mas vira também que às vezes umas pequenas embarcações se aproximavam dos petroleiros e os impediam de esvaziar os tanques. Infelizmente aquelas embarcações decoradas com as cores do arco-íris nem sempre chegavam a tempo de impedir o envenenamento dos mares.

Kengah passou as horas mais longas da sua vida poisada à superfície da água, perguntando a si mesma, apavorada, se porventura a esperava a mais terrível das mortes; pior que ser devorada por um peixe, pior que sentir a angústia da asfixia, era morrer de fome.

Desesperada perante a ideia de uma morte lenta, sacudiu-se toda e verificou com



Figura 27: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.

espanto que o petróleo não lhe tinha colado as asas ao corpo. Tinha as penas impregnadas daquela substância espessa, mas ao menos podia estendê-las.

– Talvez tenha ainda uma possibilidade de sair daqui, e quem sabe se, voando alto, muito alto, o sol não derreterá o petróleo – grasnou Kengah.

Veio-lhe à memória uma história ouvida a uma velha gaivota das ilhas Frísias que falava de um humano chamado Ícaro, que, para realizar o sonho de voar, fabricara umas asas com penas de águia e voara alto, até muito perto do sol, tanto que o calor deste derreteu a cera com que colara as penas e caiu.



Figura 28: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.”



Kengah bateu as asas energicamente, encolheu as patas, ergueu-se uns dois palmos e caiu de borco na água. Antes de tentar de novo submergiu o corpo e moveu as asas debaixo de água. Desta vez ergueu-se mais de um metro antes de cair.

O maldito petróleo pegava-lhe as penas da rabadilha, de tal maneira que não podia orientar a subida. Mergulhou uma vez mais e, com o bico, puxou pela capa de imundície que lhe cobria a cauda. Suportou a dor das penas arrancadas, até que finalmente verificou que a sua parte traseira estava um pouco menos suja.

À quinta tentativa, Kengah conseguiu levantar voo.

Batia as asas com desespero, pois o peso da camada de petróleo não lhe permitia planar. Bastaria uma só pausa para ir por ali abaixo. Por sorte, era uma gaivota jovem e os músculos respondiam em boa forma.

Ganhou altura. Sem deixar de mover as asas, olhou para baixo e viu a costa que se perfilava apenas como uma linha branca. Viu também alguns barcos movendo-se como diminutos objectos sobre um pano azul. Ganhou mais altura, mas os esperados efeitos do sol não a atingiam. Talvez os seus raios produzissem um calor

Figura 29: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.

muito fraco, ou então era a camada de petróleo que era excessivamente espessa.

Kengah compreendeu que as forças não lhe iam durar muito, e, procurando um lugar onde descer, voou terra adentro, seguindo a serpenteante linha verde do Elba.

O movimento das asas foi-se-lhe tornando cada vez mais pesado e lento. Estava a perder forças. Já não voava tão alto.

Numa desesperada tentativa de recuperar altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias. Não soube durante quanto tempo manteve os olhos fechados, mas quando os abriu ia a voar sobre uma alta torre que ostentava um cata-vento de ouro.

– São Miguel! – grasnou ela ao reconhecer a torre da igreja de Hamburgo.

As asas negaram-se a continuar o voo.



Figura 30: Excerto da obra “História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar.”

Sequência narrativa que os alunos têm que ordenar, após a leitura do terceiro capítulo “História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar”

1. Ordena as seguintes frases, numerando-as de maneira a obteres um resumo do que já leste até agora.

1.1. *Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça, até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo.* _____

1.2. *Numa desesperada tentativa de recuperar a altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias.* _____

1.3. *Como todos os rapazes do porto, também este sonhava com viagens a países distantes. O gato grande preto e gordo ouvia-o ronronando e também se imaginava a bordo de um veleiro sulcando os mares.* _____

1.4. *Veio-lhe à memória uma história ouvida a uma velha gaivota das ilhas frísias que falava de um humano chamado Ícaro, que, para realizar o sonho de voar, fabricara umas asas com penas de águia e voara alto, até muito perto do sol, tanto que o calor deste derreteu a cera com que colara as penas e caiu.* _____

1.5. *O movimento das asas foi-se tornando cada vez mais pesado e lento.* _____

1.6. *Voavam sobre a foz do rio Elba, no mar do norte.* _____

1.7. *De asas imobilizadas coladas ao corpo, as gaivotas eram presas fáceis para os grandes peixes, morriam lentamente, asfixiadas pelo petróleo que, metendo-se entre as penas, lhes tapava todos os poros.* _____

1.8. *Batia as asas com desespero, pois o peso da camada de petróleo não lhe permitia planar.* _____

1.9. *Mas Zorbas, que naquela altura era assim como uma bolinha de carvão, saiu do cesto.* _____

1.10. *A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair.* _____

1.11. *Com todos os músculos contraídos pelo esforço, chegou por fim ao limite da mancha do petróleo.* _____

1.12. *Infelizmente aquelas embarcações decoradas com as cores do arco-íris nem sempre chegavam a tempo de impedir o envenenamento dos mares.* _____

1.13. *As suas companheiras do bando do farol da areia vermelha já voariam longe, muito longe.* _____

1.14. *O maldito petróleo pegava-lhe as penas da rabadilha, de tal maneira que não podia orientar a subida.* _____

História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar

De Luís
de
Spúlveda

Professora: Vera de Andrade Lopes



Indica quais as classes de palavras/morfológicas que predominam na descrição seguinte:

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra.

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra.

- As classes de palavras/morfológicas que predominam na descrição são o adjectivo e o nome.

Figura 31: Perguntas dirigidas aos alunos do excerto que leram da obra

Lições nº 162 Sumário:	Sensibilização à descodificação do texto poético “ <i>Os gatos</i> ” de Ary dos Santos, através de um pequeno excerto do musical “ <i>The cats</i> ”. Resolução de uma ficha de trabalho para a compreensão da mensagem deste texto poético. A frase: funções sintática. Exercícios de aplicação.	Turma: 7ºH Tempo:45 min 15/05/2012
Professora:	Vera de Andrade Lopes	
Aula assistida por:	Professora Doutora: Carla sofia Gomes Xavier Luís	

Tabela 6: Planificação da terceira aula comentada

Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Desenvolvimento da aula/ Operacionalização	Materiais/ Recursos	Avaliação	Tempo
Falar para construir e expressar conhecimentos.	Utilizar, de modo autónomo a expressão oral	Selecionar informação de acordo com o tema	Após a entrada dos alunos, a professora saúda-os alunos e regista o número da lição e a data no quadro. Para motivação, os alunos visualizam um excerto do musical “ <i>The cats</i> ” (cerca de 2m 30 segundos). São colocadas algumas questões e contextualizado o vídeo que aborda a temática dos gatos.	Quadro e caderno diário Internet para a visualização do excerto do musical de “ <i>the cats</i> ”	Participação ordenada e/ou Espontânea.	3 min 5 min
Ler para construir conhecimentos	Interpretar o texto	Texto poético	Em seguida, os alunos leem em voz baixa o poema “ <i>Os gatos</i> ” de Ary dos	Manual adotado	Avaliação da expressão oral	3 min

<p>Reter a informação</p>		<p>Responder de forma adequada às questões</p>	<p>Santos. (Páginas 184 e 185).</p> <p>Posteriormente, proceder-se-á à resolução de uma ficha de trabalho para a compreensão da mensagem do sujeito poético, pelo que irão responder a perguntas do tipo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Na primeira estrofe, o como é que o sujeito poético caracteriza os gatos? Responde retirando uma marca textual.</i> 2. Explica o sentido dos seguintes versos: <i>“e a gata persa com esmeraldas na mirada nunca ligava ao carapau nem à poesia</i> 4. <i>“Na última estrofe, o sujeito poético reafirma o seu gosto pelos gatos em geral. Que tipo de gatos? Como são caracterizados?”</i> 	<p>Ficha de trabalho (Anexo 01)</p>	<p>Avaliação da expressão escrita e oral</p>	<p>10 min</p>
---------------------------	--	--	---	---	--	---------------

CEL	Funções sintáticas da frase		<p>Sequencialmente, as perguntas serão lidas e corrigidas em conjunto.</p>	Manual adotado, página 185.	Avaliação dos conhecimentos do CEL	16 min
			<p>Posteriormente, os alunos farão exercícios de gramática sobre as funções sintáticas das frases (página 185 do manual).</p> <p>6. <i>Indica a função sintática do constituinte sublinhado em cada uma das frases seguintes.</i></p> <p>a) Vi <u>um gato</u> na sacada do meu prédio.</p> <p>B) <u>O gato</u> amava uma gata persa.</p> <p>C) A gata persa não prestava atenção <u>ao gato</u>.</p> <p>d) Gosto <u>do gato</u>.</p>			8 min

Os gatos

Gosto do gato
do gato gosto
que é animal irracional
de fino gosto.
Tem tanto trato
tanta finura
que mata o rato
com requintes de ternura.
Gosto do gato
do gato gosto
que é animal irracional
de fino gosto.


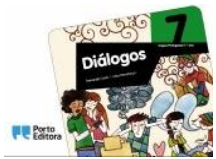
Lembro que um dia na sacada do meu prédio
havia um gato matulão com malapata
amava ele com paixão mas sem remédio
arisca gata porque aristocrata.

*Fazia versos de sardinha prateada
ramos de espinhas com cheirinho a maresia
e a gata persa com esmeraldas na mirada
nunca ligava ao carapau nem à poesia.*

*Gato vadio animal da minha vida
gato com cio confessando-se ao luar
gato telhado esfomeado e sem guarida
e a gata persa que só come caviar.*

*Gatos da rua eriçados de verdade
lambendo os restos que há no fundo do desgosto
gato Cesário dos poemas da cidade
com olhos verdes que é a cor de que eu mais gosto.*

José Carlos Ary dos Santos, *As Palavras das Cantigas*, 6ª ed, Ed. Avante, 1989

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃO VASCO</p>	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃO VASCO - VISEU LÍNGUA PORTUGUESA - 7º ANO Ficha de trabalho O texto poético: <i>Os Gatos</i> de Ary dos Santos 2011/2012</p>	
---	---	---

Após a leitura do texto poético “*Os Gatos*” de Ary dos Santos, responde de forma completa às questões:

1. Na primeira estrofe, como é que o sujeito poético caracteriza os gatos? Responde retirando uma marca textual.

2. Agora, de acordo com as informações do texto poético, preenche o quadro:

	O gato vadio	A gata aristocrata
Caracterização física		
Caracterização psicológica		

3. Explica o sentido dos seguintes versos:
*“e a gata persa com esmeraldas na mirada
 nunca ligava ao carapau nem à poesia”*

4. Na última estrofe, o sujeito poético reafirma o seu gosto pelos gatos em geral. De que tipo de gatos gosta? Como são caracterizados?

Gramática

6. Indica a função sintática do constituinte sublinhado em cada uma das frases seguintes:

- a. Vi um gato na sacada do meu prédio.
- b. O gato amava uma gata persa.
- c. A gata persa não prestava atenção ao gato.
- d. Gosto do gato.

Consultar pp. 264-566
Gramática

7. Divide e classifica as orações desta frase complexa:

*“Lembro que um dia na sacada do meu prédio
 havia um gato matulão com malapata”* (versos 13-14)

Consultar p. 275
Gramática

DALZEPI © Porto Editora

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Curso: 2011/ 2012

PLAN DE CLASE

Asignatura: Español – 7.º J

Lecciones nº 26

Unidad Didáctica:

Mi casa

PROFESORA EN PRÁCTICAS:
Vera de Andrade Lopes

Tabela 7: Planificação da primeira aula de espanhol comentada

Objetivos	Contenidos	Actividades	Material	Evaluación	Tiempo
		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abrir la lección en la pizarra; Ficha 1: ✓ Ver una casa a blanco y negro; Ficha 2: ✓ Escuchar una canción que habla de los colores; ✓ Ejercicios del libro con los colores; ✓ Ejercicios del cuaderno de ejercicios con el singular y el plural; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector; ✓ Pizarra blanca y bolígrafo; ✓ Fichas de trabajo (anexo 1, 2, 3); ✓ Cuaderno de clase y material de escritura. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Puntualidad; ✓ Participación oral y escrita; ✓ Observación directa; ✓ Interés por las actividades realizadas y creatividad: ✓ Comportamiento; ✓ Lectura. 	<p>45 minutos.</p>

DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES

I parte: introducción del vocabulario de la casa y los colores .

1^{er} Momento: Los alumnos miran una casa en blanco y negro y en color y concluyen que además de las partes de la casa y los muebles, necesitan otras informaciones para describir una casa, como por ejemplo los colores. (Ficha de ejercicios 1);

2^o Momento: Los alumnos oyen una canción sobre los colores para introducir el tema. Reciben también una hoja con la letra de la música. (Anexo 2)

3^{er} Momento: Luego, los estudiantes rellenan los huecos que encuentran en la música. Después corrigen el ejercicio (Anexo 2)

4^o Momento: A continuación, los alumnos miran el libro en la página 19 y escuchan la audición del ejercicio 9. Después realizan el ejercicio

5^o Momento: Prontamente los alumnos hacen la corrección del ejercicio del libro.

6^o Momento: A continuación los alumnos miran el libro en la página 19 y hacen el ejercicio 10 para aplicar los conocimientos del vocabulario aprendido.

7^o Momento: Más tarde, los alumnos corrigen el ejercicio del libro con el profesor, participando ordenadamente.

8^o Momento: Después los alumnos realizan el ejercicio 8 de la página 15 del cuaderno de ejercicios como forma de introducir los contenidos gramatical y comunicativo.

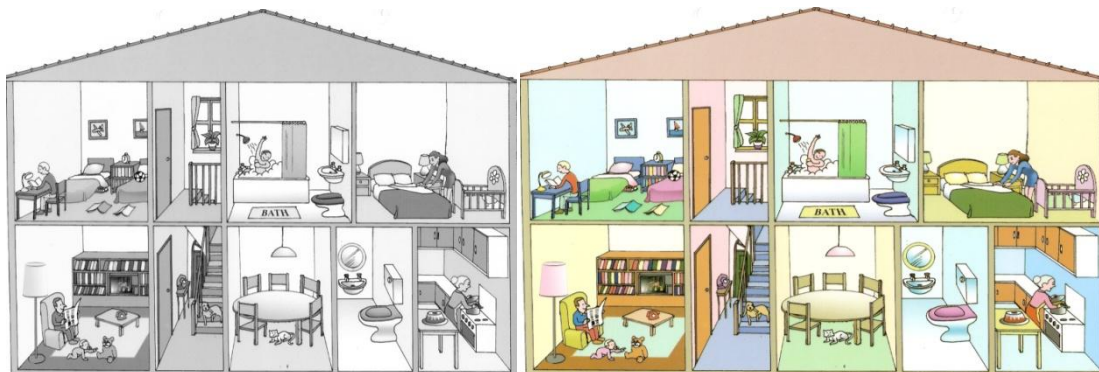



Figura 32: Casa a preto e branco

Figura 33: Canção para preencher espaços

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Español 1 - 2011 / 2012</p> <p>Ficha nº ____ Fecha: ____ / ____ / ____</p>
<p>Alumno: _____</p>	

¡APRENDE MÁS! LOS COLORES

1. Escucha la canción y rellena los huecos con las palabras que están a la derecha.

“Todas las cosas tienen su color”

_____ la nieve, _____ la sal
_____ el cielo y _____ el mar
_____ los campos y _____ el sol

TODAS LAS COSAS TIENEN SU COLOR

_____ la nube cuando va a llover,
_____ el cielo al atardecer,
_____ la amapola y _____ el carbón

TODAS LAS COSAS TIENEN SU COLOR

Una pera, una manzana,
un melocotón, un canario,
una sardina, una vaca y un león,
una radio, una nevera, un televisor

TODAS LAS COSAS TIENEN SU COLOR

Un arbusto, una hierba,
una planta, una flor, una bici,
una moto, UN COCHE O UN CAMIÓN,
una flauta, una guitarra, un acordeón

TODAS LAS COSAS TIENEN SU COLOR

Verde	Azul
Gris	Naranja
Blanca	Negro
Roja	Amarillo

Los Caños

8 Lee estas frases y escribe el plural siguiendo el ejemplo.

Ej.: *La pared es blanca. Las paredes son blancas.*

1. El lápiz está encima de la mesa.

.....

2. El libro está encima de la estantería.

.....

3. El espejo está en el dormitorio.

.....

4. En la pared hay un cuadro.

.....

5. La lámpara es amarilla y verde.

.....

6. El sillón es rojo.

.....

7. Es un apartamento luminoso.

.....

8. En el cuarto de baño hay una estantería.

.....

Figura 35: ficha retirada do manual Mañana 1. Cuaderno del Ejercicios. 2006.

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Curso: 2011/ 2012

PLAN DE CLASE

Asignatura: Español – 7.º J

Lecciones nº 67 y68

Unidad Didáctica:

La ropa

PROFESORA EN PRÁCTICAS:
Vera de Andrade Lopes

Tabela 8: Planificação da segunda aula de espanhol comentada

Objetivos	Contenidos	Actividades	Material	Evaluación	Tiempo
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Practicar la comprensión auditiva; ✓ Practicar la comprensión lectora; ✓ Practicar la expresión oral; ✓ Practicar la expresión escrita; ✓ Ampliar vocabulario; ✓ Utilizar los verbos poner, querer y preferir. 	<p>Léxicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Vocabulario relativo a la ropa; <p>Funcionales:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Hablar de la ropa; <p>Lingüísticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conjugar el verbo poner. ✓ Contraste entre el verbo querer y preferir y el verbo gustar; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abrir la lección en la pizarra; <p>Ficha 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Escuchar una canción que habla de la ropa; ✓ Ver un PowerPoint con un escaparate y mirar la variedad de ropa. Copiar el vocabulario para el cuaderno; <p>Ficha 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Lectura de dos textos y respuesta a las preguntas de verdadero o falso.”. <p>Conjugar el verbo poner, siguiendo los ejemplos;</p> <p>Ficha 3:</p> <p>Lectura de un dialogo para ordenar las frases;</p> <p>Ejercicio con la ropa y los demostrativos;</p> <p>Ejercicio con la ropa y los verbos gustar y preferir;</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector; ✓ Pizarra blanca y bolígrafo; ✓ Fichas de trabajo (anexo 1, 2, 3); ✓ Cuaderno de clase y material de escritura. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Puntualidad; ✓ Participación oral y escrita; ✓ Observación directa; ✓ Interés por las actividades realizadas y creatividad; ✓ Comportamiento; ✓ Lectura. 	<p>90 minutos.</p>

DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES

I parte: introducción del vocabulario de la ropa.

- ✚ 1^{er} Momento: registro del resumen de la lección anterior y registro de la lección del día en la pizarra por un alumno;
- ✚ 2^o Momento: Escuchar una canción con vocabulario de la ropa (ejercicio 1 de la ficha de trabajo 1);
- ✚ 3^{er} Momento: Ver un PowerPoint con un escaparate con ropa. (PowerPoint) para consolidación de vocabulario; los alumnos copian el vocabulario para el cuaderno;
- ✚ 4^o Momento: Lectura e interpretación en voz alta de dos textos "Francisco y Mafalda" (ejercicio 1 de la ficha de trabajo 2)
- ✚ 5^o Momento: respuesta a las preguntas del texto, (ejercicio 2 de la ficha de trabajo 2);
- ✚ 6^o momento: Para utilizar bien el verbo poner, los alumnos siguiendo los ejemplos de los textos, conjugarán el verbo; (ejercicio 3 de la ficha de trabajo 2).

II parte: consolidación del vocabulario de la ropa.

- ✚ 1^{er} Momento: Para consolidar vocabulario, los alumnos leerán en voz alta un diálogo en una tienda de ropa, posteriormente tendrán que ordenarlo; (ejercicio 1 de la ficha de trabajo 3);
- ✚ 2^o Momento: Los alumnos recordarán los demostrativos, completando un texto con los demostrativos y la ropa; (ejercicio 2 de la ficha de trabajo 3)
- ✚ 3^{er}: Posteriormente, los alumnos recordarán el verbo gustar y posteriormente harán el ejercicio 3 de la ficha de trabajo 3, para diferenciar el verbo gustar y el verbo preferir.
- ✚ 4^o Momento: Los alumnos harán frases con el vocabulario de la ropa, escogiendo entre el verbo preferir y el verbo gustar.

¡Apernde más! La ropa

1. Escucha la canción y rellena los huecos con las palabras que están a la derecha.

¿Qué me pongo? Mango Puch

Tan sólo catorce años tenía ésta joven al iniciarse en ese diario dilema que experimentan tantas mujeres sin falta cada mañana poquito antes de _____ iba a buscar a su mami para pedirle que le aconseje.

¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
No sé si me va ponerme la _____ azul y el _____ rosado
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
Y este corte de _____ pasó de moda el año pasado
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
con este _____ negro yo creo que ya parezco retrato
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
no quiero que mis amigas me hagan pasar tremendo mal rato

Esta situación tan mala ni se acercaba a la gran tortura de tener que ir al colegio todos los días uniformada pero lo que casi la lleva a borde de la locura era que su demás _____ era muy poquita y medio anticuada.

Ahora ya está casada, tiene dos hijos y un "walking-closet" que tiene varias secciones que van de acuerdo a las estaciones los trajes de su marido están relegados a una esquinita y al pobre todos los días le toca oír esta tonadita.

¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
Pero Amorcito, mira las horas que son
¿Cómo tú le saltas con que tú no estás todavía?
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
Mamita, es que tú sabías que nos habían invitado hoy por la noche y no mañana al medio día.
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
No me importa lo que te quieras poner pero si no estás lista en diez minutos que no te quepa la menor duda
¿Qué me pongo, mami, qué me pongo?
de que te voy a sacar de esta casa aunque sea desnuda.

Vestido

Ropa

Pantalón

Blusa

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
GRÃO VASCO - VISEU**
Escola Básica Grão Vasco
Espanhol - 2011/2012

La ropa




Mira el escaparate. ¿Qué ves?



- Ahora que ya sabes los nombres de las prendas de vestir, di lo que te pones normalmente.

Figura 36: PowerPoint com uma vitrine onde constam peças de roupa e os seus respetivos nomes em espanhol

Figura 37: ficha de trabalho com vocabulário da roupa

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Español 1 - 2011 / 2012</p>
Alumno: _____ Ficha nº _____ Fecha: ____/____/____	

¡Apernde más! La ropa

1. Lee los textos que se te presentan a continuación

Francisco

A mí me gusta la ropa moderna, especialmente los vaqueros y las camisetas muy grandes. No me gustan nada las camisas ni los zapatos, siempre llevo zapatillas deportivas negras. También me gustan mucho las gorras de equipos de baloncesto y las gafas de sol. Si tengo frío, llevo una sudadera. Nunca llevo abrigo.

Mafalda

A mí no me gustan los colores oscuros. Me gustan los vaqueros y las camisetas cortas y estrechas. Suelo llevar vestidos, y también tengo una falda corta. Normalmente llevo zapatillas blancas, pero para salir llevo unas botas altas, con tacón.

2. Ahora contesta a las preguntas siguientes, diciendo si son verdaderas o falsas.

1. A Francisco le gusta llevar camisas. _____
2. A Mafalda le encantan los vestidos. _____
3. Mafalda suele llevar zapatillas. _____
4. Francisco lleva siempre vaqueros. _____
5. Francisco suele llevar zapatos. _____

2. Ahora que sabes cómo se dicen los nombres de las ropas. Mira el verbo que utilizas:

Ej: *¿Qué me pongo? Me pongo unos pantalones vaqueros.*

2.1. Ahora vamos a conjugar el verbo poner, que es un verbo reflexivo.

Yo _____

Tú _____

Él /Ella/usted _____

Nosotros _____

2. Haz el siguiente ejercicio:

9 Este turista necesita un poco de ayuda. No ha aprendido los demostrativos. ¿Puedes ayudarlo? Vuelve a escribir correctamente lo que dice en la tienda.



Quiero
este gorra roja, este
camiseta blanca, este botas
negras, este pantalones grises, este
bufanda verde, este bañador
rosa y este guantes.

.....

.....

.....

.....

.....

3. Haz el siguiente ejercicio:

¿Quieres esto o prefieres eso?
Justifica como en el ejemplo.



yo	quiero	preferir
tú	quieres	prefiero
él/ella/usted	quiere	prefieres
nosotros(as)	queremos	prefiere
vosotros(as)	queréis	preferimos
ellos/ellas/ustedes	quieren	preferís
		preferen



pantalones deportivos gorra
camiseta botas camisa
falda pantalones cortos
gorro vestido

cómodo/a moderno/a
barato/a práctico/a
bonito/a fresco/a

Escola Básica Grão Vasco de Viseu

Curso: 2011/ 2012

PLAN DE CLASE

Asignatura: Español – 7.º J

Lecciones nº 87

Unidad Didáctica:

Los oficios

PROFESORA EN PRÁCTICAS:
Vera de Andrade Lopes

Tabela 9: Planificação da terceira aula de espanhol comentada

Objetivos	Contenidos	Actividades	Material	Evaluación	Tiempo
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Practicar la comprensión auditiva; ✓ Practicar la comprensión lectora; ✓ Practicar la expresión oral; ✓ Practicar la expresión escrita; ✓ Ampliar vocabulario; ✓ Introducir el futuro. 	<p>Léxicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Vocabulario relativo a los oficios; <p>Funcionales:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Hablar de los oficios; <p>Lingüísticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conjugar verbos en el futuro. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abrir la lección en la pizarra; <p>Ficha 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Escuchar una canción que habla de los oficios y en una ficha rellenar huecos con vocabulario relativo a los oficios; <p>Ficha 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ejercicios para conocer los oficios y relacionarlos con imagenes.”. ✓ Ejercicios para relacionar los oficios con los lugares de trabajo; ✓ Ejercicios para relacionar y completar frases con los oficios; <p>Ficha 3:</p> <p>Lectura de un texto sobre los oficios;</p> <p>Respuesta a las preguntas del texto;</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ordenador y proyector; ✓ Pizarra blanca y bolígrafo; ✓ Fichas de trabajo (anexo 1, 2, 3); ✓ Cuaderno de clase y material de escritura. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Puntualidad; ✓ Participación oral y escrita; ✓ Observación directa; ✓ Interés por las actividades realizadas y creatividad; ✓ Comportamiento; ✓ Lectura. 	<p>90 minutos.</p>

DESARROLLO DE LAS ACTIVIDADES


I parte: introducción del vocabulario de la ropa.

- ✚ 1^{er} Momento: registro del resumen de la lección anterior y registro de la lección del día en la pizarra por un alumno;
- ✚ 2^o Momento: Escuchar una canción con vocabulario de los oficios (ejercicio 1 de la ficha de trabajo 1);
- ✚ 3^{er} Momento: Leer un texto
- ✚ 4^o Momento: respuesta a las preguntas del texto, (ejercicio 2 de la ficha de trabajo 2);

II parte: consolidación del vocabulario de los oficios.

- ✚ 1^{er} Momento: para consolidar el vocabulario, los alumnos hará los ejercicios de vocabulario (ejercicio 1, 2 y3, de la ficha de trabajo 3).
- ✚ 2^o Momento: Después, los alumnos contestarán a la pregunta *¿qué quieres ser de mayor?* Y empiazan a utilizar el verbo en el futuro.
- ✚ 3^{er}: Momento: Posteriormente, la profesora escribe en la pizarra la formación del futuro y los alumnos copian para sus cuadernos.
- ✚ 4^o Momento: Los alumnos harán ejercicios con el futuro.

Figura 39: Canção para preencher espaços

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Espanol 1 - 2011 / 2012</p> <p>Alumno: _____ Ficha nº ____ Fecha: ____/____/____</p>
--	--

¡APRENDE MÁS! LOS OFICIOS

1. Escucha la canción y rellena los huecos con las palabras que están a la derecha.

Los oficio

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

había una vez un niño _____
que golpeaba con martillo a todas horas un tablero

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

había una vez un niño _____
que cortaba con tijeras y peinaba muchos pelos

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

Había una vez un niño _____
que barría con escoba y limpiaba con plumero

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

Había una vez un niña _____
que transportaba toneladas de cariño al mundo entero.

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

Había una vez dos niños _____
que cosían y bordaban bajo el sol de primavera.

me pongo de pie (me pongo de pie)
me vuelvo a sentar (me vuelvo a sentar)
porque a los oficios, vamos a jugar

Carpintero
costureras

Camionero

Peluquero

Barrendero

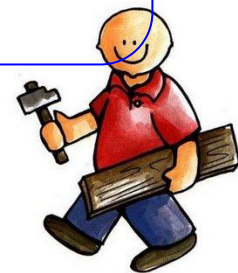



Figura 40: texto retirado do manual Club Prima, Español, 2012,

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Español 1 - 2011 / 2012</p> <p>Alumno: _____ Ficha nº _____ Fecha: ____/____/____</p>
--	---

Aprende más: LOS OFICIOS

Oviedo, 30 de marzo de 2012

Querido diario,

Hoy me han mandado de deberes escribir una redacción sobre la profesión de nuestros padres y la que nos gustaría tener a nosotros en el futuro. Solo he hecho la introducción, porque, aunque no te lo creas, es una tarea bastante difícil, ya que mis padres han tenido varias profesiones a lo largo de su vida.

Mi madre, por ejemplo, cuando estaba estudiando, trabajaba de canguro (cuidaba a niños los fines de semana) y durante la semana trabajaba de dependienta en una tienda de ropa. Después, cuando acabó sus estudios de periodismo, no encontró trabajo de periodista y como hablaba muy bien inglés, francés y portugués fue traductora primero en una revista de ropa de moda y después en una revista importantísima de decoración. Al traducir tantas revistas, adquirió muchísima experiencia en el mundo de la decoración y empezó a trabajar como decoradora en una tienda de muebles. Sin embargo, cuando nacieron mis hermanos, se quedó en el paro y durante varios años se dedicó a cuidar de nuestra familia como ama de casa. Hace unos años regresó al mundo laboral como autónoma y decidió montar su propia empresa de decoración. Ahora es una de las empresarias más famosas de este sector.

El caso de mi padre también es bastante complicado. En su época de estudiante trabajó de camarero en un bar, de botones en un hotel y de secretario en una oficina. Siempre había querido ser futbolista, pero un accidente, cuando tenía 15 años, hizo que sus planes cambiasen. Estudió Derecho en la universidad y después acabó trabajando de abogado hasta que al final aprobó las opciones de juez. Ahora trabaja como juez en el juzgado nº1 de Oviedo y le queda poco tiempo para dedicarse a otras actividades, aunque cuando se queja nos dice que además de juez es cocinero, profesor, carpintero, albañil, pintor, electricista, jardinero...refiriéndose a las otras actividades que hace en casa.

En mi caso, aún no tengo nada claro qué me gustaría ser de mayor. Por un lado, me gustaría estudiar algo relacionado con las ciencias de la salud, pero, por otro, no me veo trabajando ni de médica, ni de pediatra, ni de dentista o enfermera. En realidad, creo que me atraen más otras profesiones más artísticas como actriz, modelo, cantante, presentadora de televisión...No sé, creo que aún soy demasiado joven para decirlo. Lo único que sé es que mi deber es el de estudiar y sacar las mejores notas que pueda para poder destacar sea en la profesión que sea.

Buenas noches, mañana será otro día.

1. Después de haber leído el texto, di si las siguientes afirmaciones son verdaderas o falsas:

1.1 La madre de Claudia trabajó de niñera mientras estaba estudiando _____


1.2 La madre de Claudia ya está jubilada. _____

1.3 El padre de Claudia no pudo ser camarero debido a un accidente en su adolescencia. _____

1.4 El padre de Claudia suele quejarse de la cantidad de trabajos que realiza en casa. _____

1.5 Claudia ya sabe qué profesión quiere para su futuro. _____

Figura 41: ficha para consolidação do vocabulário das profissões, “los oficios”



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
GRÃOVASCO

Escola Básica Grão Vasco
Español 1 - 2011 / 2012

Alumno: _____ Ficha nº _____ Fecha: ____/____/____

Aprende más: LOS OFICIOS

1. ¿Qué profesión tienen?



.....



.....



.....



.....

Actor-actriz
Azafata
Pintor-pintora



.....



.....

Taxista
Médico-médica
Peluquero-peluquera



.....



.....

Farmacéutico-farmacéutica



.....



.....

Mecánico
Cantante
Recepcionista



.....



.....

Policía



.....



.....

Camarero-camarera



.....

Profesor-profesora

Secretario-secretaria

Escritor-escritora


2. ¿Dónde trabaja? Relaciona las profesiones con los lugares de trabajo.

- | | |
|---------------|----------------------|
| 1. Actor | a. Taller |
| 2. Mecánico | b. Hospital |
| 3. Camarero | c. Comisaría |
| 4. Profesor | d. Oficina |
| 5. Azafata | e. Teatro |
| 6. Policía | f. Avión |
| 7. Secretaria | g. Colegio |
| 8. Médico | h. Restaurante o bar |

3. ¿Qué hacen? Relaciona para completar las frases.

- | | |
|--------------------|--|
| 1. El actor | a. Atiende a los clientes. |
| 2. La secretaria | b. Dirige una empresa. |
| 3. El policía | c. Vende medicinas. |
| 4. El camarero | d. Comprueba que los pasajeros están bien. |
| 5. El farmacéutico | e. Recuerda las citas del jefe. |
| 6. El escritor | f. Hace un papel en teatro, cine o televisión. |
| 7. La azafata | g. Encuentra a los criminales. |
| 8. El director | h. Cuenta historias en sus libros. |

Figura 42: Ficha com exercícios de verbos no futuro

 <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GRÃOVASCO</p>	<p>Escola Básica Grão Vasco Español 1 - 2011 / 2012</p>
<p>Alumno: _____</p>	<p>Ficha nº ____ Fecha: ____/____/____</p>

Aprende más: EL FUTURO

	HABLAR	APRENDER	PEDIR
Yo	<u>Hablaré</u>	<u>Aprenderé</u>	<u>Pediré</u>
Tú	<u>Hablarás</u>	<u>Aprenderás</u>	<u>Pedirás</u>
Él/Ella/Ustedes	<u>Hablará</u>	<u>Aprenderá</u>	<u>Pedirá</u>
Nosotros	<u>Hablaremos</u>	<u>Aprenderemos</u>	<u>Pediremos</u>
Vosotros	<u>Hablaréis</u>	<u>Aprenderéis</u>	<u>Pediréis</u>
Ellos/Ellas/Ustedes	<u>Hablarán</u>	<u>Aprenderán</u>	<u>Pedirán</u>

1. Cosas que se hacen y que no dejarán de hacerse nunca. Completa las frases siguiendo el modelo.

- Ej: Tú me gustas y siempre me gustarás.
- 2.1. Yo escribo cartas en viaje y siempre las _____.
 - 2.2. En vacaciones, siempre llamo a mis padres y siempre los _____.
 - 2.3. Los turistas siempre entienden las instrucciones y siempre las _____.
 - 2.4. Nosotras nunca discutimos sobre política y nunca _____.
 - 2.5. Yo nunca he comido caracoles y nunca los _____.
 - 2.6. Mi padre siempre nada con energía y siempre _____.
 - 2.7. Pablo siempre viaja en avión y siempre _____.
 - 2.8. Tú nunca has aprendido chino y nunca lo _____.
 - 2.9. Nosotros siempre andamos por la mañana y siempre _____.
 - 2.10. Mi abuelo siempre habla en español y siempre _____.

2. Conjuga los verbos que están entre paréntesis, en el futuro.

- 3.1. Cuando sea grande _____ (viajar) mucho, porque me gusta mucho viajar.
- 3.2. Los portugueses siempre _____ (vivir) sus costumbres.
- 3.3. Si lo apruebas todo, te _____ (comprar) una moto.
- 3.4. No te preocupes mamá _____ (volver) a las 11h.
- 3.5. Creo que este año _____ (ganar) la liga el Barcelona.
- 3.6. El año que viene _____ (ir) de vacaciones más tranquila.
- 3.7. Te _____ (llamar) por la noche.
- 3.8. Mañana _____ (comprar) el periódico.

¡OJO! ⇨ VERBOS IRREGULARES

	DECIR	HACER	PODER	TENER
Yo	Dir <u>é</u>	Har <u>é</u>	Podr <u>é</u>	Tendr <u>é</u>
Tú	Dir <u>ás</u>	Har <u>ás</u>	Podr <u>ás</u>	Tendr <u>ás</u>
Él / ella / Vd.	Dir <u>á</u>	Har <u>á</u>	Podr <u>á</u>	Tendr <u>á</u>
Nosotros	Dir <u>emos</u>	Har <u>emos</u>	Podr <u>emos</u>	Tendr <u>emos</u>
Vosotros	Dir <u>éis</u>	Har <u>éis</u>	Podr <u>éis</u>	Tendr <u>éis</u>
Ellos / ellas /	Dir <u>án</u>	Har <u>án</u>	Podr <u>án</u>	Tendr <u>án</u>

Caber	Cabr-	Saber	Sabr-
Haber	Habr-	Salir	Saldr-
Poner	Pondr-	Valer	Valdr-
Querer	Querr-	Venir	Vendr-
	+ Terminaciones		+ Terminaciones

PRACTICA:

1. Completa las frases siguiendo el modelo abajo:

MODELO: - Félix (suspender) el curso → Félix suspenderá el curso.

- 1 - Juan y Pilar (ir) _____ de vacaciones a Madrid.
- 2 - Inés (viajar) _____ a Barcelona mañana por la tarde.
- 3 - Por la noche (comer, vosotros) _____ sopa.
- 4 - El viaje (quedar) _____ sin efecto.
5. La reunión de mañana (ser) _____ aplazada.
- 6 - El año que viene (venir, tú) _____ a vivir en Salamanca.
- 7 - (Estar, yo) _____ lista a las ocho de la mañana.
- 8- A partir del día 10 (trabajar, usted) _____ con Antonio.

4. As atividades extracurriculares

Como referimos no capítulo anterior, as aulas assistidas construiriam uma das múltiplas tarefas levadas a cabo pelos professores-estagiários. Em boa verdade, o núcleo de estágio de português e de espanhol organizou várias atividades extracurriculares quer no âmbito da Língua Portuguesa quer no âmbito do Espanhol, mostrando-se sempre disponível a participar em todas as ações que se iam realizando na escola: fossem dinamizadas pela própria instituição ou deliberadas no seio do grupo. Estamos em crer que participar neste tipo de eventos aproxima toda a comunidade escolar e põe a descoberto o trabalho desenvolvido pelos alunos e pelos próprios professores, servindo para aliviar a pressão do dia-a-dia e quebrar a rotina. Concretamente, no domínio do espanhol procuraram, dar a conhecer, junto da comunidade escolar, as datas mais importantes celebradas em Espanha e, desta forma, promover o gosto pela língua. Vejamos, em seguida, a listagem de atividades extracurriculares para ambas as disciplinas.

Prostrando o cumprimento do Plano Anual de Atividades, no âmbito da disciplina de Espanhol comemorou-se a semana das línguas estrangeiras em fevereiro de 2012. Facto é de referir que foi de bom grado que os alunos, com a ajuda da professora orientadora e dos estagiários, fizeram e colocaram cartazes pela escola, jogos temáticos, com o objetivo de sensibilizar a comunidade escolar para a língua e cultura espanholas; conhecer os países hispano-falantes; motivar os alunos para o estudo da língua castelhana (anexo 1).

A semana da leitura realizou-se entre o dia 21 a 25 de março, com o intuito que os alunos ficassem sensibilizados, não apenas para a leitura, mas também para a língua espanhola. A biblioteca foi um dos palcos para a realização desta atividade, pois eram lidos textos para os alunos em espanhol, a horas e dias pré definidos (anexo 1).

No âmbito do programa *Fiaval*, a 1 de fevereiro de 2012, os estagiários participaram na visita guiada à cidade Viseu no âmbito de intercâmbio de professores portugueses e espanhóis e, com todo grado, visitaram a parte histórica, onde a professora orientadora Ana Piedade Guerreiro M. Elias Pinheiro dava uns laivos sobre a arquitetura e a própria história (anexo 2). No decorrer do mesmo mês, participou-se na comemoração do dia de São Valentim, com a fixação de cartazes na entrada da escola e com frases que poderiam ser ditas em Espanhol, tal como podemos observar (anexo 2).

OS deveres de um Diretor de Turma são bastante importantes para a formação profissional do professor. Este cargo é para o docente um meio de comunicação entre alunos e encarregados de educação. Não obstante da intensa ligação de transmissão de valores para o aluno e também de poder oferecer uma ligação de suporte e orientação ajuda o aluno na sua formação académica. O DT é um dos cargos que expõe maior importância e com cargos de maior responsabilidade dentro do meio escolar, deste modo, os estagiários acompanharam no presente ano letivo de 2011/2012 a Diretora de Turma do 7.ºG, Ana Elias, nos seus cargos relativamente a esse estatuto. Como forma de incluir os estagiários dentro do que se deveria

fazer, no início do ano letivo, a DT distribuiu um inquérito aos estudantes, com o objetivo de recolher dados que possibilitassem a caracterização da turma. Assim, os estagiários ficaram com dados relacionados a cada aluno, os quais estudamos e formamos uma tabela, Grelha de Caracterização. O resultado da tabela que foi dado à DT e posteriormente apresentado na primeira reunião de conselho de turma, culminando integrarem no Projeto Curricular de Turma, PCT.

O núcleo de estágio e a DT reuniam-se semanalmente às quartas-feiras das 9:00 às 10:30, servindo para incrementar todo o trabalho que estivesse relacionado com a Direção de Turma do 7.ºG. Era esta a hora que os Encarregados de Educação se podiam dirigir à escola para serem atendidos pelo DT para qualquer dúvida que estivesse relacionada com o seu educando. Houve ainda vezes, nas quais os Encarregados de Educação eram convocados telefonicamente pelo DT para se deslocarem à escola e para serem informados de alguma situação em específico do seu educando. Não obstante destas obrigações, servíamo-nos do livro de ponto para poder ter acesso às faltas dos alunos e, consoante a informação, foram elaboradas cartas e enviadas aos Encarregados de Educação a informarem as faltas, se existentes.

Desempenhar este cargo permitiu também uma envolvimento no meio escolar, sabendo como as Reuniões Intercalares e as Reuniões de Avaliação eram organizadas. Ao longo do ano, os estagiários tiveram uma presença constante nas reuniões de DT, adquirindo com tal conhecimentos sobre as ordens de trabalho e procedimentos a ter em conta nas reuniões de Conselho de Turma, assim como organizar a documentação dentro do PCT. Finalizando, é de referir que o núcleo de estágio atuou nas inúmeras reuniões, permitindo assim compreender que o DT desempenha uma função de grande responsabilidade.

No que diz respeito às reuniões, os estagiários também participaram nas Reuniões de Grupo de Espanhol e Reuniões de Grupo de Português, onde a informação tínhamos acesso à informação de outras áreas disciplinares. Porém, antes da Reunião de Departamento, ainda há reunião de Conselho Pedagógico, onde está um representante por cada Departamento, onde são tomadas as decisões mais importantes da escola.

Houve a oportunidade de participar nas visitas de estudo realizadas a Lisboa. Esta viagem teve como intuito ir com os alunos de 9.º G, no dia 27 de abril à Futurália em Lisboa. Após o almoço, os alunos visitaram o museu Calouste Gulbenkian onde puderam observar uma exposição de arte moderna.

Por último e no culminar do ano letivo, tivemos o privilégio de organizar um *Encontro dedicado ao tema Portugal no Mundo*, que contou com a participação da Doutora Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Professora Auxiliar no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior e Investigadora Integrada no Centro de Estudos em Letras na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo proferido uma comunicação intitulada “Revisitando a Língua Portuguesa Contemporânea”.

Para além de todas as atividades mencionadas, participámos igualmente em inúmeras ações de formação, de entre as quais destacamos as seguintes: a participação na ação de

formação subordinada ao tema *Escola Virtual*, no dia 13 de março de 2012; assistimos à jornada de formação celebrado no dia 14 de abril de 2012 na cidade da Guarda, com duração de quatro horas com o título *El Mundo de Claudia, como propuesta para trabajar los contenidos léxicos, gramaticales, funcionales y culturales de 7.º de ensino Básico, Actividades lúdicas para clase de Español, y ¡Este libro está muy vivo! Soluciones digitales para el profesor de español para una enseñanza del siglo XXI* ; asiduamente participamos na ação de formação *Estratégias de Desenvolvimento da Competência Leitora*, realizada sob a orientação da Dr^a Anabela de Oliveira Duarte da Cruz Carvalho no dia 23 de abril de 2012. Participamos também no lançamento do novo manual de espanhol do 7º ano, *Nuevos Amigos* da Leirivivro que se realizou a 19 de abril de 2012 na Pousada de Viseu.

Conclusão

Chegados a esta fase, cumpre-nos apresentar as principais conclusões retiradas dos trabalhos produzidos num ano letivo repleto de novidades e de diferenciadas emoções. Naturalmente, e dada a especificidade do trabalho científico em questão, Relatório de Estágio, não poderíamos deixar de contribuir, por um lado, com a nossa modesta opinião pessoal, decorrente da exploração teórico-prática empreendida, por outro, de relatar, perante a experiência auferida durante o período do estágio pedagógico, o nosso testemunho, a nossa sensibilidade acerca de diferenciados aspetos que mereceram a nossa atenção.

No que diz respeito ao coração, digamos assim, da parte teórico-prática, podemos aventar as conclusões que se seguem. Depois de estudarmos a forma como o conteúdo é apresentado nos três manuais gramaticais em estudo, *Gramática Universal da Língua Portuguesa*, da Texto Editora; *Gramática do Português Moderno*, da Plátano Editora; *Da comunicação à Expressão. Gramática Prática do Português*, da Lisboa Editora, e pela simples leitura do índice, ficamos, logo *a priori*, claras algumas dissemelhanças inscritas na variação de nomenclatura utilizada. Ao longo do percurso que fomos trilhando, ficou evidente que a gramática da Texto Editora é, sem margem para dúvidas, a mais complexa para alunos de 3º ciclo, quer pela exposição das matérias, quer pela exemplificação desfasada dos níveis de conhecimento desta faixa etária, quer ainda pela ausência de fichas de trabalho. A gramática da Plátano Editora parece-nos fazer um esforço no sentido aproximar-se ao vocabulário e aos referentes dos alunos, não obstante, as diferenciações de nomenclatura, por vezes, utilizadas poderão constituir um fator gerador de alguma confusão nas tenras mentes dos alunos. Acresce a tudo isto ainda o fato de não conter exercícios práticos, imprescindíveis na aferição de conhecimentos que deve seguir a veiculação do item teórico. O manual gramatical editado pela Lisboa Editora, ficou propositadamente para o final, na medida em que é efetivamente o nosso eleito. Isto é, devido às características que enverga, que vão desde o vocabulário acessível e respeitador das necessidades dos alunos e professores, ao esclarecimento de todos os pormenores com clareza e ao dinamismo requerido para alunos de 3º ciclo, passando pela eficiente utilização do novo acordo ortográfico facilitador da aprendizagem.

Não obstante, à falta de predisposição crónica dos alunos, movidos por ideias pré-concebidas de que a gramática é aborrecida e difícil, aditamos os já conhecidos problemas e até interesses velados, secularmente instituídos, no âmbito da recomendação/aquisição de gramáticas e outros instrumentos de trabalho no círculo escolar, mas também a ausência de obrigatoriedade do uso deste material em contexto sala de aula, associado à falta de apoio monetário da ação social à sua aquisição, logo à falta de interesse por parte dos encarregados de educação mais carenciados. Urge lutar contra esta tendência, até porque trata-se de um assunto de suma importância.

De facto, como tivemos oportunidade de referir aquando da introdução, esta temática suscitou o nosso interesse, na medida em que, sem a proficiência adequada da língua materna, os discentes ficam inevitavelmente impossibilitados até de aspirarem a excelentes

resultados também nas outras disciplinas, na medida em que as expressões oral e escrita constituem as peças basilares para a transmissão dos seus saberes, das suas dúvidas, enfim das suas opiniões. Assim, no nosso entendimento, há que apostar firmemente numa política bem fundamentada e coesa de difusão e ensino da gramática da língua, pois sem ela, os discentes vão construindo uma casa sem a devida consistência e que, como tal, ameaça ruir a qualquer hora. Com a proposta de aula que sugerimos, procurámos demonstrar que, independentemente da turma em questão, acaba por ser sempre mais proveitoso partir do texto, exploração vocabular, questionário dirigido, para o item gramatical que deve seguir o modelo: teoria (conceitos com exemplificação), prática (realização de uma ficha de aferição de conhecimentos) e produção (redação de um pequeno texto onde se aplicam os conhecimentos previamente adquiridos). Por conseguinte, adotámos esta matriz na sugestão de aula apresentada.

Por outro lado, sendo este um trabalho que deve, por razões naturais, incluir todo o labor produzido ao longo do estágio pedagógico, não podíamos deixar de partilhar algumas ideias a respeito desta parte. Na realidade, desde o início do ano letivo, que teve lugar logo no dia 1 de Setembro de 2011, tomámos conhecimento e plena consciência das responsabilidades que nos aguardavam, tanto mais porque se trata de uma escola detentora de elevado prestígio. Devemos mencionar que vivemos esta estreia total, quer como docente quer como estagiária, com bastante entusiasmo, muita dedicação e enorme sentido da responsabilidade e até mesmo, em alguns casos, de missão. Assim, esta parte do trabalho procurou ser um espelho de alguns passos palmilhados na instituição de ensino indicada, que vão desde as atividades realizadas na escola e para a escola, incluindo aspetos como a caracterização do estabelecimento de ensino em questão, das turmas, das aulas assistidas, planificações e respetivos materiais, bem como todo o trabalho extracurricular desenvolvido. Deste modo, procurando abarcar tudo quanto fizemos dentro e fora da sala de aula, devemos explicitar que o balanço final é francamente positivo.

Bibliografía

ALBA, Águeda, ARÁMBOL, Ana, et al., *Método de Español para Extranjeros, Prisma Comienza, Nivel A1*, Madrid, Editora Edinumen, 2009.

VV.AA., *Mañana 1. Cuaderno del Ejercicios*. Madrid, ANAYA, 2006.

VV.AA., *Mañana 1. Libro del alumno*. Madrid, ANAYA, 2006.

ADAM, J. M. e PETITJEAN, A., *Le Texte Descriptif*, Paris, Nathan, 1989.

ALARCOS LLORACH, Emílio, *Gramática de La Lengua Española*, Madrid, Editorial Espasa, (2000), “Términos Adyacentes del Infinitivo”, *Archivum* 22, 1972, p. 276.

ALBUQUERQUE, Luís de (dir.) (1994) *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Caminho.

ALEGRE, Manuel, “Crítica ‘Terrorista’”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 9 a 15 de Fevereiro de 1993, p. 219.

ÁLVAREZ, Manuela, *Estudio de la Flexión Verbal en la Obra de Gonzalo de Berceo: Siglo XIII*, Bilbao, Universidad de Deusto, 1991.

AZEREDO, M. Olga; PINTO, M. Isabel & LOPES, M. Carmo (2007), *Gramática prática de Português*. Lisboa: Lisboa Editora.

BECHARA, Evanildo (2003) *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Luserna.

BORREGANA, António Afonso (2005). *Gramática Universal da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora.

CASTELEIRO, João Malaca (1980) *A Língua e a sua estrutura* (conjunto de artigos publicados, isoladamente, na revista mensal *Escola Democrática*, Edição da Responsabilidade da Direcção-Geral do Ensino Básico).

COUTINHO, Telma (2011) *O Ensino da Língua Portuguesa nos manuais gramaticais: uma proposta de reformulação*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Vila Real.

CUNHA, Celso e LINDLEY, Cintra (2005) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 18.ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda.

CURY, Augusto (2004), *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, 1ª ed., Adaptação de Anabela Mesquita, Cascais, Editora Pergaminho, Lda.

DUBOIS, Jean, GIACOMO, Mathée, GUESPIN, Louis, MARCELLESI, Christiane, MARCELLESI, Jean-Baptiste (1994), MÈVEL, Jean-Pierre, *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*, Paris, Larousse.

OLIVEIRA, Luísa, Sardinha, Leonor (2005) *SABER PORTUGUÊS HOJE - Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Plátano Editora.

PINTO, José Manuel; NASCIMENTO, Zacarias & LOPES, Maria do Céu (2006). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora.

Plan Curricular del Instituto Cervantes, 2ª ed., Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 2006,2007.

Webgrafia

Direção geral e formação profissional,
<http://www.sitio.ang.gov.pt/programas%5Ci007440.pdf>, (acedido a 14 de junho de 2012).

Dicionário terminológico para consulta em linha, <http://dt.dgisd.min-edu.pt/> (acedido a 10 de abril).

Escola Básica Gão Vasco,
http://portal.graovasco.net/index.php?option=com_content&view=article&id=51&Itemid=93,
(acedido a 8 de abril).

TLEBS, <http://www.prof2000.pt/users/primavera/> (acedido a 15 de abril).